

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

HISTÓRIAS SOBRE ANIMAIS: CRIAÇÕES EM SALA DE AULA

Laise Orsi Becker

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do grau de
Licenciado em Ciências
Biológicas. Disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso (BIO 7016)

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis, junho de 2010.

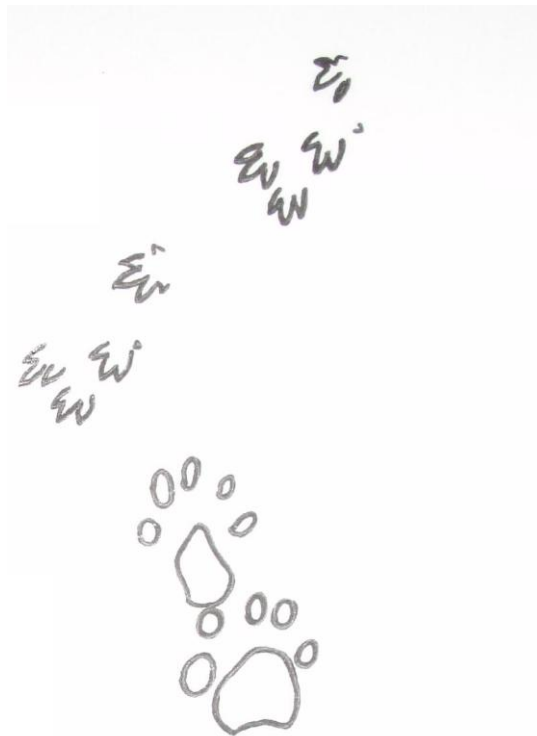


Histórias

sobre animais:



criações em sala de aula



Dedico este trabalho a minha
mãe, tia e nonna, as minhas três grandes
mães que foram minhas professoras e se
permitiram ser minhas fiéis alunas
também.

– Agradecimentos –

Neste trabalho está muito de mim, dos meus anseios, dos meus devaneios, daquilo que eu acredito ser importante. Deste modo, aproveito este momento para agradecer não apenas àqueles que estiveram intimamente ligados a este trabalho, mas àqueles que me auxiliaram a chegar aqui deste modo para concretizá-lo.

Primeiro à minha mãe por tudo, tudo aquilo que palavras não podem expressar, inclusive levar uma vida de estudante de biologia me acompanhando nas saídas de campo. Às minhas tias todas por todo apoio prestado durante minha vida e durante minha graduação, especialmente a minha tia Ráquia, minha segunda mãe todos os dias.

Aos meus avós, pelo seu carinho e amor. Assim como ao meu pai, por rir dos meus acidentes e ter papos biológicos compartilhados entre biólogos e médicos comigo.

Aos professores que conseguiram transmitir a mim todo seu amor à profissão e fizeram-me ter ainda mais orgulho (se é que é possível) da biologia. Em especial à Tânia, que foi professora, orientadora, tutora do PET, amiga, parceira e muitas vezes uma mãezona. E ao Maurício que foi tudo isso mesmo sem o título oficial de professor.

Aos petianos que compartilharam esses anos comigo e tanto me deram, assim como todos do grupo TECENDO que me ajudaram com idéias e conversas e construíram comigo esse trabalho.

Ao Leandro, por ter aceitado essa orientação e me ensinado novas formas de construir o que aqui apresento. E à banca – Juliane, Maurício e Narjara – por ter aceitado fazer parte disso.

À escola Dilma Lúcia dos Santos, por ter aberto suas portas para tornar tudo isso possível. Novamente agradeço à Juliane que abriu espaço para mim, à professora Nildes que me amparou e a Beth com o apoio na sala informatizada.

Aos meus amigos não biólogos que nunca compreendem bem os meus motivos de gostar de coisas estranhas como saídas de campo com carrapatos: Laís, Fabiane (duas vezes, pela correção do trabalho), Kênia, Roberto, Rafaella. E aos biológicos que entendem (ou quase entendem mesmo que não concordem), que dividiram comigo esses anos de UFSC: Bia, Renatinha, Raquel, Ló, Elise, Chuck, Felipe, Hugo, Bianca, Fer, Elis, Reba (e agora a Liz), Mick, Thais, Letícia, e aos que (me desculpem) eu me esqueci de mencionar.

E ao meu namorado que me apoiou e se orgulhou de mim, fez campos comigo (quase morreu afogado por isso), aprendeu a gostar por mim cada dia mais do meu mundinho biológico. E a toda a família dele, por ser também minha.

À vida (em todas suas formas) e aos livros, minhas duas fontes de inspiração.

Agradeço de coração a todos, pois sem vocês nada disso seria possível e lembrem-se de que são responsáveis por aquilo que cativam ou cativaram, responsáveis por mim.

*“Uma resposta nunca merece uma reverência.
(...) A resposta é sempre um trecho do caminho
que está atrás de você. Só uma pergunta pode
apontar para frente”*

– Jostein Gaarder –

“Só as crianças sabem o que procuram”

– Antoine de Saint-Exupéry –

– Sumário –

Apresentação.....	8
Prólogo: apresentando uma história.....	9
Começando a história.....	13
Sobre como construí essa história.....	18
Os animais.....	23
O que leio nas histórias.....	30
Do processo de criação.....	40
Referências.....	43
Anexos: carta de autorização.....	47

– Apresentação –

Quando nos preparamos para ler um livro ou ouvir uma história, não é um ato instantâneo, instintivo. Lemos o título, espiamos o nome do autor e, às vezes, queremos saber algo sobre a história e lemos a sinopse. Esvaziamos a mente aos poucos, criando espaço para o batalhão de idéias e imagens que irá abarrotá-la.

Para isso há esta apresentação, para o caso de o leitor ter se esquecido das preliminares da leitura e ir se aquecendo para esse fantástico mundo. Mesmo que esse mundo seja um pouco diferente das deliciosas páginas da literatura.

Este trabalho foi realizado e escrito com carinho por tudo que uma boa história pode nos trazer, nos fazer, nos mudar.

No primeiro capítulo – **Prólogo: apresentando uma história** – eu vos falo sobre minha trajetória, das tardes num Parque Ecológico à graduação em Ciências Biológicas e o desejo de realizar este trabalho, romantizando essas memórias.

Em **Começando uma história**, há uma introdução ao meu trabalho apoiado em tantos outros autores que guiaram e inspiraram meus pensamentos e este trabalho. Enquanto que no terceiro capítulo – **Sobre como construí essa história** – há a narrativa de todo o desenvolvimento das atividades, desde as primeiras idéias que me motivaram até sua efetiva conclusão.

No capítulo **Os animais** eu apresento os animais escolhidos pelos alunos para inspirar suas histórias e discorro sobre as razões de escolha desses animais e a visão exercida pelos alunos e alunas sobre eles.

Já em **O que leio nas histórias** o objeto central do capítulo são as próprias histórias. Da importância de se trabalhar com a imaginação, as invenções que encontramos nelas, que conteúdos escolares se fazem presentes e como é relacionado o ser humano com os animais nessas histórias.

No capítulo final – **Do processo de criação** – falo um pouco das minhas conclusões sobre essa atividade e de outros pontos que julguei importantes serem considerados sobre o próprio processo de escrever histórias sobre animais em sala de aula. Um exemplo foi o uso de computadores para pesquisa, digitar as histórias e editá-las.

Enfim, só tenho a desejar uma boa leitura!

– Prólogo: apresentando uma história –

“O agir humano é sempre o resultado de uma implicação entre aquele que age e o mundo que vive.”

– Valdo Barcelos –

Desde muito cedo, Laise foi uma menina que sofreu muitas influências para escolher uma carreira no mundo biológico, ou como parecia a ela quando criança: o mundo de quem cuida da natureza.

Ela nasceu numa ilha, que apesar de ser parte da capital do Estado, era uma pequena cidade grande. Ainda o é, de certa forma, já que Florianópolis atrai bem mais moradores por seus atrativos naturais e não por um alto índice de emprego, excelentes salários ou programas culturais. Mas, quando ela era pequena, a Ilha de Santa Catarina onde morava era uma cidade menor, menos metrópole do que é hoje.

Foi nessa época em Florianópolis que ela foi fazer sua primeira grande amizade, ao se mudar com um ano de idade para um condomínio no Córrego Grande: Marina. Não era qualquer condomínio, pois ficava exatamente na frente de um parque que pertencia ao IBAMA¹. E talvez tenha sido esse o motivo para os pais de Marina terem comprado o apartamento número 104 do bloco A – eles eram funcionário do IBAMA e trabalhavam no parque em frente.

É claro que com um ano de idade não existiam profissões na cabeça da pequena Laise, talvez nos próximos anos, e as que a maioria das crianças conhecem: professores, médicos, dentistas, veterinários.

Não, a Laise não conhecia uma profissão biólogo. Ela, no entanto, gostava desse mundo de biólogos. Seus avós maternos moravam em um sítio e ela podia conviver com algumas situações que fazem tão bem às crianças e que, infelizmente, nem todas têm a oportunidade de vivenciar: banhos de rio, andar de carroça, cuidar dos pintinhos, ter medo de andar com os bois soltos pelo pasto, brincar no meio do amendoim e do milho colhido, comer fruta no pé, observar os animais comendo.

¹ IBAMA é o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, órgão responsável por formular, coordenar e executar a política nacional do meio ambiente.

Gostava também de ir passear com a melhor amiga no trabalho dos pais: ver os animais que apareciam machucados uma vez ou outra e eram tratados com carinho, correr num parque cheio de árvores e formigas, assistir a teatros sobre reciclagem, aprender a fazer papel reciclado com a “tia”, alimentar os animais com os quais não se está acostumado a conviver aos cinco anos de idade.

Com essa idade ela nunca pensara em ser bióloga, queria ser professora – talvez como muitas das meninas nesse período. Mas, perguntem se em algum momento ela brincou de escolinha quando queria ser professora e a resposta será não!

Foi em 1994 que uma das coisas mais tristes aconteceu, algo que poderia nem abalar a vida da menina: um eucalipto caiu com uma ventania no parque em frente a sua casa em cima de um pai e de um filho. A família havia morado no mesmo prédio que ela, e a menina tinha brincado com o menininho que morrera. Só que a morte age de forma diferente nas crianças, a notícia mais triste para ela no momento foi o fechamento do parque por tempo indeterminado.

Acabaram-se os lanches no parque debaixo do pau-brasil com a professora e a turma da escola. Ela não ficaria mais imaginando como os índios conseguiam tingir a pele com aquela madeira vermelha.

É claro que enquanto o parque permaneceu integrado ao IBAMA, ela continuou passeando por ele junto com sua amiga, alimentando pingüins que apareciam durante o inverno e até um lobo-marinho caolho, por seus pais continuarem trabalhando ali.

Mas o tempo foi passando, a menina estava crescendo e já não pensava mais em ser professora. Ela já sabia ler, e aprender a ler foi a maior dádiva que lhe aconteceu. Ela poderia ler o tempo todo, não precisava mais depender de ninguém para descobrir o mundo maravilhoso das histórias, das coisas novas. Possuindo a autonomia para viajar para esse mundo literário, ela sonhou em ser escritora.

Rascunhava muitas histórias infantis e, com o tempo, histórias de mistério. Laise já entendia com 8 anos que era preciso fazer uma faculdade e que geralmente os escritores eram formados em Letras. Foi assim que a menininha fez sua primeira opção por um curso universitário.

O amor pelos livros, que acabavam muito rápido e eram sempre curtos demais, só aumentava. Ela queria poder ler os livros direcionados às séries mais velhas, por já ter lido os interessantes para sua idade na biblioteca do colégio. Talvez tenha sido neste

momento, quando mudou de colégio, que ela começou a desistir do curso de Letras e tenha decidido fazer Biologia.

Como essa mudança de pensamento ocorreu, não se sabe. Talvez ela só tenha percebido que o desejo dela estava em algo que ela considerava mais bonito, mais pertencente a ela mesma. Algo que a completasse. Contou à mãe que queria ser bióloga, e a mãe respondeu por ela gostar muitos de animais, deveria ser veterinária.

No entanto, para Laise era claro que ela nunca iria querer ser veterinária. Ela não gostava de ver os animais sofrerem, não gostava de cirurgias e de ver sangue. Com a “inocência” de uma criança, gostaria mesmo era de salvar a natureza. Era o que havia de mais precioso no seu mundo.

Começou então a caminhada por uma estrada que já estava escolhida. Foram anos na transformação de uma criança que sonhava ser bióloga e que convivia mais intimamente com o mundo da ciência na escola até o temido vestibular e a entrada na Universidade.

O começo do curso, em maio de 2006, não foi um sonho, tampouco um pesadelo. Foi diferente de tudo que ela havia se permitido imaginar. Pensou muitas vezes em desistir, sentiu-se sem rumo: se não fizesse Biologia, que outra coisa gostaria de fazer? Não encontrou a resposta. Continuou. E, no fim do primeiro semestre de curso, surgiu a brecha para seu trabalho de conclusão de curso. Era uma aula de Ciência e Profissão² em que conversava-se sobre a pós-graduação na área de educação e a professora Vívian Leyser deixou circular pela classe o trabalho de uma de suas orientadas. Esse trabalho buscava a biologia dentro dos telejornais e fez a Laise pensar: “É o tipo de coisa que eu gostaria de fazer, algo que mostrasse a todos como tudo do que eu gosto é importante, que é interessante e merece atenção”.

Aquele trabalho despertou nela diversas idéias. Nenhuma que se enraizou e ela pareceu desistir de um trabalho de conclusão de curso nessa área. Começou a tentar imaginar outras atividades, não com pessoas, mas com os animais e sua ecologia.

Porém, ela conheceu um livro que a fez se lembrar de certo autor – Ângelo Machado³ – que ela havia conhecido e ouvido no início do curso; um autor que falava

² Ciência e Profissão I é uma disciplina do currículo de Ciências Biológicas da UFSC implementado no primeiro semestre de 2006 em que os alunos são apresentados a estrutura da Universidade, o universo acadêmico e a profissão de biólogo.

³ Ângelo Machado é cientista e autor de livros infantis que procuram ensinar biologia em suas histórias.

para as crianças das coisas bonitas de que ela costumava gostar quando criança, das coisas de que ela ainda gostava e que a faziam sentir como se ainda fosse criança. O livro contava a biologia de um gambá, assim como Ângelo Machado contava sobre a dispersão do pinhão e outras coisas.

Havia pessoas fazendo biologia, contando biologia, escrevendo histórias e criando fantasia com uma realidade. Não era animação em que coelhinhos usam roupas e óculos, em que formigas possuem quatro patas somente para vender uma história. Era uma fantasia permeada de realidades e nem por isso menos fantástica. Era a razão para a sua busca no fazer ciência: conhecer o mundo e compartilhá-lo com outras pessoas.

Começou a germinar então aquela semente que estava lá, e ela percebeu que poderia tentar fazer com que os alunos de uma escola pudessem aprender a gostar de duas das coisas de que ela mais gostava: ler e biologia. Que ler não era chato e que biologia não era uma decoreba de nomes. Que se podia, quem sabe, reunir as duas coisas, e fazer com que o estudo caminhasse mais conjuntamente, mais próximo. Melhor que isso, os alunos poderiam escrever as histórias e ler livros que eles próprios criassem.

Foi então que a mulher Laise, com a orientação do professor Leandro Belinaso Guimarães e o apoio do Grupo Tecendo⁴ construiu um trabalho de conclusão de curso. E também construíram juntos uma nova fase da vida da Laise, acrescentando mais páginas a essa história escrita com palavras, com tinta, com sangue, com lágrimas ou sorrisos. Essa história que fala da realidade e de sonhos, de borboletas e baleias, que contém pessoas e falas que re-significam a cada instante o que aconteceu e o que está por vir.

O fim ainda está por vir... Ninguém sabe, talvez nunca chegue. E as histórias apenas se somem construindo vidas e não livros.

⁴ TECENDO é um grupo de estudos em Educação Ambiental e Estudos Culturais da UFSC coordenado pelo professor Leandro Belinaso Guimarães – www.grupotecendo.com.br

– Começando a história –

“Todo texto deve dizer pela primeira vez, aquilo que já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito.”

– Foucault –

Nos últimos quarenta anos, o mercado de publicações para crianças e jovens cresceu em números de títulos e de tiragens, com perfil específico (MARTHA, 2008). Atualmente, na primeira década do século XXI, Martha (2008) expõe que o número de exemplares vendidos desses gêneros literários corresponde a pelo menos 25% do mercado, cujo crescimento pode ser justificado pelos investimentos de editoras e livrarias assim como pelos maciços investimentos do Governo Federal que vem promovendo a aquisição regular de livros para crianças e jovens de diferentes gêneros e dificuldades.

Tudo isso vem surgindo como um incentivo à leitura, pois ler deve ser uma atividade prazerosa. Por que também não pode ser incluída como uma atividade pedagógica em outras disciplinas que não Língua Portuguesa ou estrangeira? O aluno que lê mais possui mais subsídios para argumentação e para compreensão de distintos pensamentos. A leitura é um dos meios mais eficientes de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade e é um passaporte para a vida social (SALOMÃO & LOPES, 2009).

Os livros de literatura infanto-juvenil estão recheados de informações e conteúdos dos quais os jovens leitores se apropriam, construindo visões de mundo e opiniões sobre os mais diversos assuntos. “Ensinaamentos” estão sendo processados nessa literatura, mesmo quando seus(suas) autores(as) pensam estar escrevendo apenas para distrair e entreter seus leitores e leitoras (WORTMANN, 2007). O momento de leitura é um momento de intimidade, quando os sentimentos, expectativas, conhecimentos do leitor estão interagindo com os que o autor expôs naquela história, utilizando-se do momento para sensibilização como Pedro Bandeira faz ao discutir a questão do Pantanal em seu livro *Pântano de Sangue*:

Imagine se você visitasse o mais completo museu do mundo e notasse o desaparecimento de uma tela de Van Gogh, descobrisse um quadro de Modigliani todo furado com brasa de cigarro e um Picasso cortado a gilete... (...)É o quadro de Modigliani furado com brasa de cigarro. A derrubada e a queimada das árvores para criar pastagens vão levar o Pantanal à extinção em algumas décadas. Já não há lugar para pássaros, capivaras, onças e quatis. E quando os arbustos novos começam a aparecer, mostrando o esforço da recuperação do Pantanal, os biocidas são pulverizados periodicamente para matar esses arbustos e manter “limpas” as pastagens... (...)Você pode conhecer o paraíso, mas o inferno está próximo, está bem aí, para quem quiser ver (BANDEIRA, 1998, p. 36-40).

Durante a leitura também se faz educação científica.

Sérgio achou Mané quando ele nem era Mané. Nem era sapo. Era um girino, que o menino pensou ser peixinho. E levou para sua casa como peixinho, e deixou dentro de um balde como se fosse peixinho. E teve uma linda surpresa quando seu peixe preto e esquisito apareceu transformado em um sapinho (KUPSTAS, 1993, p. 5).

A educação científica para Díaz (2002) deve ser no âmbito de desmistificar e decodificar as crenças aderidas à ciência, percebendo que ela não é neutra como afirma ser. Deve fazer com que o aluno possa identificar que a ciência interpreta a realidade e não a representa. A autora argumenta que a ciência não está dada e acabada, mas é um processo de construção de conhecimentos e interpretações.

A ciência não nos fala da Natureza: nos oferece respostas a nossas perguntas sobre a Natureza. O que observamos não é a Natureza em si mesma, mas a Natureza através do nosso método de perguntar (HEISENBERG, 1985 *apud* DIAZ, 2002). Assim as aulas de ciências deveriam ser aulas que estimulem a descoberta e a imaginação, estimulem a arte de perguntar para compreender as respostas que com o tempo a ciência deu a nossas perguntas (que não são as únicas e, novamente, são um modo de enxergar).

Se a educação científica deve incentivar a opinião crítica e a compreensão da diferença entre o que é a realidade e o que é a interpretação da realidade, pois sempre estamos olhando para o mundo e o compreendendo por meio de das nossas

interpretações; deste modo, é necessário compreender que a interpretação que vigora pode ser diferente quando observada por outros ângulos e por outros indivíduos, a leitura é uma parte importante desse processo. Rodríguez (2007) expõe que é necessária a participação ativa dos alunos em torno da construção de seus conhecimentos e seu próprio sentido de vida, devendo-se incentivar hábitos de leitura, de autonomia e despertar (ou reavivar) a curiosidade e a fascinação pela investigação, científica ou não.

Assim afirma Oliveira (2006) ao pensar a linguagem como matéria estruturante dos sujeitos por ser ela uma tomada de posição; ele propõe que quanto mais o professor mantiver o controle do espaço da sua significação, maior será o silêncio dos alunos na leitura e na escrita. Observa-se o processo de produção do texto, sua significação, assim o leitor não apreende meramente um sentido que está lá, seu papel é o de atribuir sentidos ao texto (OLIVEIRA, 2006). E o de estabelecer sentidos entre os conhecimentos por ele construídos, seja na sala de aula ou não.

Márquez e Prat (2005) também partem da premissa de que a linguagem é o instrumento básico para qualquer conhecimento, deste modo, o professor de ciências passa a ser também um professor de linguagem. E com esse poder em mãos ele necessita compreender que tem esse papel como o professor de línguas, que não cabe a ele enxergar apenas a resposta científica, mas a forma como a resposta é expressa.

Pode ser proporcionado ao aluno um ambiente de formação onde ele possa ler os conteúdos, fazer suas interpretações juntamente com aquelas feitas pelo professor, desenvolver análise crítica através da linguagem e expressão desta, buscar respostas às suas curiosidades. Esse processo pode se dar por meio de textos que Márquez e Prat (2005) apontam como sendo os principais utilizados em aulas de Ciências como o livro didático, textos de divulgação científica e internet, porém os autores colocam-nos como objetos de estudo com algumas fragilidades, como a linguagem e os conteúdos (aparentemente) distantes dos interesses do aluno do livro didático ou a dificuldade com o excesso de informações proporcionadas pela internet e nem sempre confiáveis.

A literatura infantil ou infanto-juvenil proporciona um momento de lazer e aprendizagem, através de uma linguagem adequada à faixa etária facilitando os processos de compreensão do texto e do conteúdo ali exposto. Como se pode ver no trecho a seguir:

“E o jacaré é responsável por não haver esquistossomose no Pantanal, você sabia? Ele é também o elo da corrente que mantém a população de piranhas em equilíbrio. Sem ele as piranhas estão se reproduzindo aos milhões e dizimando os peixes menores” (BANDEIRA, 1998, p. 40).

É o encontro dos conteúdos fora dos livros didáticos e do quadro negro, mas com o entretenimento. É a ciência na vida.

A construção de histórias viria como um processo de re-significação e de reinterpretações, em que o aluno passa a ser ativo no processo. Além de estimular a imaginação, a criatividade, o desenvolvimento de habilidades para ilustração, a pesquisa e o pensamento crítico. O aluno é estimulado a criar, a ler e a se questionar sobre o conteúdo ali encontrado e sua relação com o mundo real.

Os animais surgem como um veículo para alcançar esse propósito de escrita e leitura (ou o seu inverso), primeiramente por fazerem parte de um “conteúdo curricular” de sala de aula obrigatoriamente, mas eleitos nesse âmbito por despertarem o carinho intrínseco, admiração, respeito e curiosidade que muitas espécies nos provocam. Segundo Wilson (1989, *apud* SANTOS-FITA & COSTA-NETO, 2007) os seres humanos possuem uma conexão emocional inata com as demais espécies da terra. Embora, como afirma Dal-Farra (2008), nós gostamos de animais de diferentes maneiras e, ainda acrescento, gostamos de diferentes animais de diferentes maneiras como se mostra nos trechos a seguir. Assim como o autor, creio ser importante abordar esse tema nos espaços escolares.

“As pessoas eram muuuuito altas e tentavam nos bater com pedaços de paus. Parece que elas faziam isso porque tinham medo de nós⁵, apesar de serem muito maiores e nunca termos feito mal a elas” (GRAIPEL, 2007, p. 18).

“Aquela pessoa e sua família me colocaram em uma grande caixa de madeira e começaram a cuidar de minhas queimaduras. (...) Eles me olhavam diferente, sem medo e com ternura nos olhos” (GRAIPEL, 2007, p.36).

⁵ O personagem que narra essa história é um gambá.

Dal-Farra (2008) destaca a complexidade da inserção dos animais nas nossas vidas, seja como animais de estimação, seja os que fazem parte das refeições e vestuários, seja os invasores da paz de nossas casas. Da paradoxal atitude do humano no campo que é rude com o bovino e acaricia o cavalo, companheiro de trabalho.

O quão pobre se torna muitas vezes as aulas de ciências que falam de animais dentro de suas classes taxonômicas e acrescentando às classificações de nomes complexos apenas suas “importâncias” ao modo de vida humano, geralmente relacionadas à economia (alimentação, produção de fármacos...).

Como diz Santos (2009), a escola representa um instrumento de transmissão de valores utilitaristas, que concebem os animais não com valores próprios, mas evidenciando aplicações úteis ao desenvolvimento da vida humana, ou seja, a partir de uma valorização utilitarista dos mesmos. Ou quando busca uma aproximação afetiva, como a autora também destaca, há uma antropomorfização desses seres (fenômeno observado principalmente em animações infantis).

Quanto se perde dos conhecimentos cotidianos dos alunos sobre as relações ecológicas dos animais que os cercam, das relações que eles estabelecem com esses seres que dividem espaço e suas vidas conosco diariamente? Quais são as reflexões que os alunos podem passar a fazer sobre discursos de conservação e suas atitudes?

Assim, neste trabalho busco observar as histórias contadas pelos alunos quando incentivados a criá-las, numa perspectiva diferente de trabalhos, também muito importantes, realizados, por exemplo, por LINSINGEN (2008i, 2008ii), pois não procuro analisar as histórias e sua inserção do ponto de vista mais próximo ao conteúdo científico ali expresso. Quero oferecê-los um dispositivo que os possibilite gerar resultados inusitados, não aguardados.

Deste modo, meus objetivos seriam compreender que animais os alunos selecionam e por quê? Que visões eles exercem sobre esses animais nas histórias?

Há articulação com conteúdos aprendidos na escola? Que invenções se permitem fazer? Como eles relacionam os humanos em suas histórias?

Por fim, a pergunta central do meu estudo pode ser resumida na análise das visões dos alunos sobre os animais eleitos, por eles mesmos, empregadas em suas histórias.

– Sobre como escrevi essa história –

“Escrever é bom para tirar as idéias da cabeça. Porque sempre que a gente tem uma idéia, a gente quer ter ela, brincar com ela, aí a gente escreve ela.”

– Becker adaptado de Moreira –

Foram nas aulas de Ciências e Língua Portuguesa da Escola Municipal Urbana “Professora Dilma Lúcia dos Santos” que construímos histórias sobre animais viventes na Ilha de Santa Catarina. A escola localiza-se no bairro da Armação do Pântano do Sul na Ilha de Santa Catarina, com turmas de Ensino Fundamental no período da manhã e da tarde, além de atender a Educação de Jovens e Adultos. É uma escola que apresenta forte interação com a comunidade proporcionando atividades esportivas e culturais para os alunos em horário extraclasse, assim como para seus familiares e a comunidade em geral (aulas de inglês, de artes marciais, uso da internet, bordado, dentre outras).

Ainda mantém um projeto conduzido por uma das professoras de Língua Portuguesa, auxiliando os professores de outras disciplinas a trabalhar gêneros literários amplamente utilizados em suas áreas de ensino.

Antes que eu iniciasse as atividades com os alunos, freqüentei as aulas dos professores com os quais desenvolvi o projeto para conhecer sua forma de trabalho e as possíveis turmas, observando o envolvimento dos alunos com as atividades propostas. Entrei em um consenso com os professores, com base no retorno das atividades propostas, participação ativa (observei uma dinâmica na aula de Ciências e a postura dos alunos) e elegi uma das turmas vespertinas de 6ª série do Ensino Fundamental.

A princípio, tínhamos em mente trabalhar a construção de histórias com animais a partir de uma outra história semelhante, a contada no livro *Saru: o guerreiro da floresta*. Esse livro, escrito por um ecólogo que trabalha com mamíferos, desenvolve a história de um gambá que nasce no Parque Municipal da Ilha do Peri (embora não haja referência ao nome do Parque, chega-se à conclusão pela descrição). Na retrospectiva de vida anterior à possível morte, Saru nos leva a um passeio por diversos ecossistemas do litoral catarinense em que viveu, além de suscitar reflexões sobre a relação entre o ser humano e os animais. No entanto, a idéia foi abandonada alguns meses antes do início

da oficina. Optamos por não restringir os alunos com exemplos prévios, mas permitir-lhes construir seus próprios modelos. Semelhante ao realizado por Oliveira e Passos (2008), porém com histórias escritas pelos próprios alunos. E naquele momento acreditamos que o livro, ou parte dele, retornaria ao final da oficina, juntamente com as demais histórias.

No meu primeiro encontro oficial com os alunos, que ocorreu numa aula de Ciências, apresentei-me e falei sobre a atividade que iríamos desenvolver, ainda esclareci que era um trabalho que eu necessitava concluir para me formar e que também seria uma atividade obrigatória na disciplina. Entreguei a eles o termo de compromisso com uma carta a ser entregue aos pais, enfatizando que a atividade seria realizada por todos, no entanto, somente os que retornassem com a autorização dos pais, teriam suas histórias como meus materiais de estudo. Em seguida, pedi que eles se apresentassem dizendo seu nome juntamente com o nome de um animal que conhecessem e pudessem encontrar nas proximidades da escola.

Na dinâmica os animais escolhidos foram: cobra, galinha, cachorro, pardal, Calopsyta, vaca, aranha, anta, cavalo, lagarto, sapo, coelho, gato, quero-quero, capivara e peixe-espada. E, em alguns momentos, eu abordei-os com alguns questionamentos, como quando os animais escolhidos foram passarinho e peixe: queria uma maior especificação e eles contribuíram com pardal e peixe-espada.

Feitas as devidas apresentações, eles se agruparam em duplas e lhes concedi a tarefa de escolher um animal da Ilha de Santa Catarina para escreverem uma história em dupla. Neste momento surgiram animais exóticos como o leão, mas eu expliquei que o animal precisava ser encontrado na Ilha, ao que eles sugeriram um zoológico, eu repliquei que não existia um zoológico aqui. Sendo assim, animais que não fossem nativos poderiam entrar na história desde que pudéssemos realmente encontrá-los aqui. Entretanto, eles logo voltaram suas escolhas para outros animais sem dificuldades.

Fiz propostas de desenvolvimento levando materiais de inspiração: quadrinhos; narrativas ilustradas com fotos, com desenhos, sem ilustrações; poemas. Mesmo diante da diversidade de livros que levei para observarem, todas as formas de escrita escolhidas foram o gênero narrativo, o qual estava sendo trabalhado por eles na disciplina de Língua Portuguesa.

O gênero narrativo, segundo Cereja e Magalhães (2000) apresenta como características os fatos em sequência, numa relação de causa e efeito; os fatos são

vivididos por personagens, em determinado tempo e lugar; há um narrador que pode assumir o ponto de vista do narrador-personagem ou do narrador-observador.

No primeiro encontro, eles ainda foram à sala informatizada, onde puderam pesquisar mais sobre o animal escolhido e reunir informações para escrever um conto.

Nas aulas que seguiram, eles trabalharam na construção do conto, enquanto outros alunos que não estavam na primeira aula precisaram escolher um animal para iniciar suas histórias. O restante das aulas, com exceção de mais um encontro na sala de informática para digitarem os textos, foram realizados na disciplina de Língua Portuguesa. A professora da disciplina acompanhava a construção dos contos procurando auxiliá-los na coerência e na coesão do texto.

A edição e correção gramatical ocorreram na sala de informática do colégio. A professora solicitou que eles mesmos procurassem encontrar os erros nos destaques feitos por ela e que os corrigissem. Ainda assim, ela revisou os textos novamente no arquivo digital juntamente com os alunos.

O desenvolvimento das atividades na sala informatizada foi uma experiência muito significativa para os alunos, creio eu. O contato com o computador para aqueles alunos mostrou-se muito mais significativo em alguns momentos do que a história, esclareço isso em **Epílogo: sobre escrever em sala de aula**. O primeiro momento que eles tiveram para digitalizar suas histórias foi gasto completamente no manuseio do programa. Escolher a fonte, a cor da fonte e o tamanho.

A sala informatizada era um local que me agradava particularmente, pois possuía uma de suas paredes decoradas com cd's, o que dava um ar diferenciado à “sala de aula”. O desenvolvimento das atividades nessa sala foi tão significativo para mim que dou destaque a isso posteriormente.

No decorrer da elaboração das histórias, tentei manter um *blog* em que eles pudessem registrar suas atividades, pensamentos e dúvidas conforme suas vontades. Também um local em que eu disponibilizaria as informações que eles me pedissem, porém os alunos não demonstraram interesse nesta ferramenta.

O meu papel a ser desenvolvido seria o de assessoria aos alunos e aos professores. No entanto, muitas vezes me fiz presente na construção das histórias, muito mais do que gostaria, pela dificuldade apresentada no processo de criação, talvez pelo curto período que dispúnhamos para a atividade. Alguns alunos faltavam muito e se atrasavam demais com relação aos outros, o que os desanimava. Em alguns momentos

precisei sentar com esses alunos, conversar e procurar disparar possibilidades de direção, embora não se buscasse um resultado previamente.

Os alunos tiveram em torno de dois meses para desenvolver suas histórias (um período maior do que acreditei que levariam) e as tendo concluído, eu havia planejado que apresentassem aos seus colegas e discutíssemos naquele momento alguns trechos das histórias deles e do livro “Saru: o guerreiro da floresta” de Maurício Graipel (2007), que antes seria o ponto de partida das atividades. Entretanto, com a falta de tempo⁶ e a demanda deles por mais encontros para finalizar as histórias, (tornou-se complicado nosso encontro de fechamento (50 minutos na última aula após a educação física!). Ainda assim, nesse encontro, durante a breve apresentação ~~da história~~ da dupla, indaguei-os com alguns questionamentos que preparei antecipadamente relacionados às histórias escritas.

Esse momento foi importante, pois contou com a participação dos alunos que não eram os autores das histórias nas reflexões e, até mesmo, da professora de Língua Portuguesa.

As histórias foram impressas e expostas em um mural que seria fixado no corredor da escola, juntamente com outros trabalhos realizados por alunos. Assim outros alunos poderiam ler os contos.



⁶ A professora de português iniciava um novo projeto com eles que estava dificultando marcar o encontro de fechamento.

No decorrer do trabalho, mantive um diário de relatos. Ao chegar a casa após meu encontro com os alunos, registrava tudo que eu era capaz de recordar. Procurei fazer alguns registros dentro da sala de aula, mas estes eram raros, pois eu era constantemente requisitada por eles. Em um dos encontros, pude contar com o auxílio de uma colega do curso para me auxiliar no registro, que foi posteriormente mesclado ao meu próprio relato quando o fiz.

Meu diário, entretanto, não se encontra anexo a este trabalho ou mesmo citado no texto, mas incorporado a ele. As observações – certamente com algumas interpretações – perpassam a minha escrita sem destaque, pois constituem o esqueleto do meu texto.

O meu objeto de estudo foram os contos construídos pelos alunos, todavia, creio ser importante o processo de construção do qual participamos para a análise dessas histórias, por isso, incluo meus relatos como resultados dessa oficina que não foram fixados em um mural, mas que entram aqui.

As histórias dos alunos encontram-se aqui do modo como me foram entregues, podendo haver erros de português.

Quanto à redação do meu trabalho final de conclusão de curso, dentro das características necessárias que deve possuir um trabalho desse caráter, atrevo-me a utilizar em alguns momentos uma escrita mais narrativa, afinal também sou parte desta oficina de construção de histórias.

(...) trabalhos em educação escritos de forma subjetiva, que expõem emoções, sensações, sentimentos, deixam transparecer as marcas deixadas no corpo, na pele de quem escreve (...). Acredito que um trabalho pode sim envolver subjetividade e ao mesmo tempo ser ciência, desde que tenha um objetivo, um suporte metodológico e teórico que o sustente. Trazer a subjetividade para dentro de uma investigação não é perder o rigor que um estudo acadêmico pressupõe. A diferença é que, ao invés de trazer números, estes trabalhos trazem sensações; ao invés de gráficos, trazem emoções; ao invés de utilizarem a linguagem fria e impessoal, utilizam uma linguagem que toca (SEZERINO, 2009, p. 26-28).

– Os animais –

“É que com bicho menino pode falar as coisas que está sentindo, bicho compreende a gente, fica quieto quando menino se queixa da vida e até lambe pra consolar.”

– Stella Carr –

Um receio que eu possuía era encontrar apenas animais domésticos nas histórias que eles me traziam. Um receio, talvez um pouco “bobo”, de uma futura bióloga que ansiava que eles enxergassem as maravilhas que os cercavam do mesmo modo – como se fosse possível – que ela via.

Enfim, foi um receio que só existiu para me surpreender com a riqueza de discussões que havia com os animais que eles haviam elegido.

Ao término das atividades, nove histórias foram concluídas, – algumas os alunos não me entregaram ou simplesmente não terminaram devido ao grande número de faltas – sendo os animais inspiradores dessas histórias: baleia franca, coruja-buraqueira, cobra, tamanduá-mirim, coelho, cachorro, golfinho, joaninha e lontra. Quando questionados sobre a razão de terem escolhido aquele animal, a maioria respondeu que se devia a empatia pelo animal (ser bonito, fofo). Classificações apontadas por Santos (2000 *apud* SANTOS, 2009) como os padrões socialmente estabelecidos do belo, feio, asqueroso, nojento.

A lontra, no entanto, foi escolhida por ser um animal que vivia próximo à casa de um dos alunos, inclusive sendo aquele ambiente a inspiração para a história.

*Em Florianópolis tem um rio chamado Sangradouro.
Nesse rio vive um animal chamado LONTRA.*

*Eu e meus amigos estávamos indo para fazer um
trabalho na biblioteca, quando nós vimos uma lontra no rio
Sangradouro. Ela estava se alimentando de peixes.*

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LAROSSA, 2002). E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou

“argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LAROSSA, 2002). Assim, faz-se importante conhecer e falar sobre e pensar sobre aquilo que vivenciamos e experienciamos. Não apenas nos informarmos muito sobre um assunto.

Apesar de alguns alunos saberem pouco sobre os animais escolhidos pelos colegas ou, até mesmo, do seu animal, todos pareciam saber quais eram os animais dos quais se estava falando. A exceção foi uma menina que desconhecia o que era uma lontra.

Na dinâmica de apresentação e na escolha dos animais, ela já havia questionado sobre o que seria uma lontra, porém no momento solicitei que aguardasse o desenvolvimento da história daquela dupla, para assim passar a conhecer um pouco mais. A pergunta se repetiu no dia da apresentação e mesmo com a foto presente, ela não reconheceu o animal. Conversamos sobre a sede do Projeto Lontra⁷ localizado na Lagoa do Peri, onde ela poderia visitar e conhecer o animal do qual os colegas falavam.

A história da baleia franca teve um começo um pouco conturbado. A dupla de meninas que havia decidido fazer sobre a baleia Orca recebeu minha sugestão de escolher outra que tivesse uma associação maior com a Ilha. Uma delas sugeriu a baleia franca, enquanto a outra dizia não gostar da franca por conta de suas verrugas que ela considerava feias. Convencida de escrever sobre as baleias franca, ela não voltou a demonstrar antipatia pelas suas verrugas – que até mesmo são um dos esclarecimentos do conto – nem nas aulas nem na história, no dia da apresentação questionei-a sobre o fato. Ela respondeu que adorou ter feito sobre este animal por ter descoberto algumas informações que desconhecia e passou a achar a baleia muito bonita.

O protagonista desta história é um biólogo que tenta ajudar os animais do zoológico com a ajuda de Muge, a baleia. A baleia está preocupada com o envelhecimento rápido dos animais no zoológico e pede ajuda do biólogo para salvá-los com um *chip* milagroso que poderia rejuvenescê-los e talvez libertá-los. A história termina com uma foto de uma baleia no mar e a legenda: “Muge em seu habitat natural”, mostrando-nos que na visão das autoras, ainda que voltassem a viver bem no zoológico, o animal estaria mais feliz no seu ambiente natural.

⁷ Projeto Lontra é um projeto que se dedica a estudar este mustelídeo e tem sua sede próxima ao Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Outros animais escolhidos pelo carisma, ou seja, por serem “bonitos e fofos” foram o golfinho, o cachorro e o coelho.

A beleza do golfinho é destacada na própria história:

Ao entrar e tomar aquele banho de mar, com aquela água cristalina, conversa vai e conversa vem, viram um grande golfinho bem no meio do oceano. Ficaram admirados com a beleza daquele mamífero enorme.

A história do cachorro destaca o companheirismo do animal pelo ser humano, levando a menina protagonista para um mundo dos cachorros onde eles vivem praticamente como humanos – vão à escola, possuem “hospicão”, falam ao telefone – e conseguem conversar com os humanos, como na história de Mugue, a baleia-franca. Enfim, quando a menina descobre que tudo foi um sonho a história finaliza com:

(...)como seria se sua cachorrinha falasse e tivesse um mundo só dela. Mas continua feliz por saber que tem uma cachorrinha tão especial que a ama.

Se era um desejo das autoras que a cadelinha falasse – a história reflete muito das alunas, pois elas constantemente teciam comentários sobre a cadelinha de uma delas que as inspirava – questionei-as durante a apresentação: “Há, na opinião de vocês, comunicação entre humanos e outros animais que não por meio da fala?”.

A manifestação nesse momento foi da turma, que buscou me exemplificar inúmeros casos de comunicação existentes. Falaram sobre a expressão através do olhar e dos movimentos corporais que indicavam estados e sentimentos. Ao falarem de animais domésticos, ainda comentavam que eles compreendiam comandos e que nós percebíamos as diferenças nas vocalizações deles. Ao ouvi-los defender essa compreensão, lembrei das palavras da primatóloga Barbara Smuts no livro *A vida dos animais* (2002). Primeiro quando ela relata sua atividade com os babuíños nas seguintes palavras:

(...) me vi diante de outro igualmente exigente (desafio): compreender e me comportar de acordo com um sistema de etiqueta babuína (...). Vi-me forçada a essa tarefa pelo fato de os babuínos resistirem às minhas débeis mas sinceras tentativas de convencê-los de que eu era nada mais que um observador isento, um objeto neutro que podiam ignorar. Desde o começo eles discordaram disso, insistindo que eu era, como eles, um sujeito social vulnerável às demandas e recompensas do relacionamento. (p. 131-132)

E depois quando ela fala sobre sua relação com sua cachorra Safi, como ela ensinou-a a reconhecer algumas frases no seu idioma (o inglês), enquanto que a cadela a ensinou pacientemente a compreender a sua linguagem de gestos e posturas. Para Barbara Smuts a linguagem (ou a comunicação) não está relacionada a esses animais possuírem características humanas, mas ao nosso reconhecimento deles como sujeitos sociais.

Muito me orgulhou perceber na fala daqueles alunos a reflexão sobre esse reconhecimento de sujeitos sociais que podem se comunicar, que não são apenas instintivos.

Sentimentos “humanos” dados à cadelinha (amor pela dona), ocorrem na história dos coelhos, em que há uma antropomorfização dos animais que apaixonam-se e constituem família como fruto de seus sentimentos.

Eles tinham um coelho macho chamado Sansão, Tatá se apaixonou por ele. Como ela estava no cio, eles tiveram 9 filhotes(...)

Antropomorfização é o processo pelo qual características humanas são atribuídas a animais, sejam elas físicas ou comportamentais. Esse processo tão comumente encontrado nos gêneros infantis pode funcionar como uma aproximação dos animais com o humano leitor. Há um entremeio entre fantasia e realidade que agita as emoções.

Assim, deve ser trabalhado com os alunos esses aspectos e não vê-los somente como algo que atrapalha a compreensão do mundo que nos cerca.

Na história sobre os coelhos novamente as alunas colocam a opinião de que os animais vivem melhor em ambiente natural, contrastando primeiramente com o zoológico onde a coelha Tata era maltratada e, por fim, com a casa de uma família humana que os criava como animais de estimação e que optam por entregá-los à Polícia Ambiental para soltura. Esse fenômeno se apresenta diferente na história da lontra, onde o animal termina no zoológico.

Ao fim da apresentação da lontra perguntei se era o melhor final para o animal ir para o zoológico. Foi interessante ver a turma se dividir nas argumentações entre o zoológico ser um local que protegeria o animal e que nós deveríamos deixá-los livres, mas cuidar do ambiente onde eles vivem.

A joaninha foi um animal que gerou polêmica na escolha, a sua história foi uma que pouco acompanhei a elaboração. A dupla que escreveu sobre o cachorro havia escolhido a princípio escrever sobre a joaninha. Porém mudou de idéia pelo motivo que comentei anteriormente, por quererem escrever uma história sobre a cachorrinha de uma das meninas. Entretanto lançou a dúvida sobre a dupla do golfinho, que passou parte da aula decidindo se escolheriam o golfinho ou a joaninha – uma das meninas queria o golfinho, enquanto a outra, a joaninha.

Por fim, a joaninha, o único invertebrado, foi eliminado, sendo novamente escolhido na aula seguinte por uma aluna que havia faltado à aula anterior. O outro invertebrado protagonista de uma história foi a borboleta, também escolhida na segunda aula. A aluna, porém, não me entregou a história nem a autorização assinada, sendo assim, o material não faz parte das minhas análises, mas considero importante citar a existência dele.

A joaninha, segundo a aluna, foi escolhida pela beleza. Atrevo-me a extrapolar que a razão de a joaninha ter sido o único invertebrado constantemente levantado em sala de aula, seja por ser um animal que nos rodeia no cotidiano. Seja em desenhos animados, em estampas de roupas, cadernos e outros materiais. Porque, embora não seja um inseto raro, é menos frequentemente visto no cotidiano dessas crianças que outros, como: a própria borboleta (que foi uma surpresa para mim, quase ter sido esquecida), o caranguejo, o siri, a libélula etc. Falo deles por terem certo carisma; ainda poderia falar de mosquitos, moscas, minhocas e baratas.

E, mesmo que a aluna revele que a escolha tenha sido pela beleza, esta opinião não está explicitada na história como esteve nas outras. O animal na história é um

controle biológico que se torna uma praga. A aluna representa a joaninha também com antropomorfização que pode ser observada neste trecho:

Joana era a líder e tinha que se preocupar com os demais, porque isso era uma missão fácil para as joaninhas, mas outros bichos poderiam se alimentar de seus amigos.

O mesmo se dá na história do tamanduá-mirim. São atribuídas algumas características como: divertido e aventureiro. Além de estabelecer algumas relações humanas como a de amizade (entre o jacaré e o tamanduá) e inimizade (tamanduá e onça).

É importante destacar isso, pois como nos fala Kindel (2003) ao analisar desenhos animados infantis, o que está em jogo não são representações desses animais na natureza propriamente (embora aqui, as crianças as tenham construído acreditando sê-lo), mas sim as que ocorrem entre homens/mulheres, diferentes etnias, classes sociais em suas interações mais usuais e humanas. Ou seja, os animais assumem papéis representativos dos humanos da nossa sociedade. O jacaré não é mais amigável que a onça (acredito que se eu os questionasse sobre esse fato, obteria essa resposta), assim como joaninhas não possuem mais inteligência, liderança e cooperatividade que os pulgões. Eles apenas estão enfatizando que aqueles que possuem tais características, conseguem livrar-se de fins trágicos (na história a própria morte).

Os animais restantes (cobra, coruja-buraqueira e tubarão), não sofreram esse fenômeno de antropomorfização tão fortemente, possivelmente por serem codjuvantes da história, a história é vista da perspectiva humana. E foram escolhidos por serem animais interessantes e fascinantes. Um dos meninos que escreveu sobre o tubarão falou que o achava fascinante e perigoso, no entanto, eu também não obtive a versão final dessa história.

As histórias da cobra e da coruja-buraqueira retratam o animal do ponto de vista humano. Humanos interagem com esses animais, no caso da cobra um menino é picado por uma, enquanto que no da coruja, as crianças cuidam do animal machucado. E eles destacam atitudes nos animais facilmente observadas como a de a jararaca se esconder entre as pedras e a de a coruja voar na direção daquele que se aproxima do seu ninho.

Aqui, novamente podemos observar a importância de dar voz às experiências dos alunos. No decorrer do processo criativo da escrita são incluídos aspectos da própria experiência do aluno sem que ele se dê conta da informação acrescentada. Não se está falando de informações retiradas de bibliografias especializadas, mas de características que representam a realidade do animal e que, talvez, não seriam citadas ao simplesmente ser indagado sobre o grupo ou a espécie numa aula “tradicional” de zoologia. Estabelecendo a relação discutida por Oliveira (2006) para a leitura, mas que pode ser estendida para a escrita, em que ele nos diz haver uma situação de equivalência de poder entre a palavra do aluno e do professor que não resulta na perda de controle de exploração do texto. O que ocorre é o diálogo entre muitos significados manifestados e especulados por parte do estudante, muitas vezes, não imaginados pelo aluno.

Isso porque, a escrita é uma atividade que pode criar condições para um reposicionamento dos sujeitos, particularmente do aluno perante o educador (OLIVEIRA, 2006).

Nenhum dos animais sobre o qual se escreveu foi visto como item alimentar, a não ser de outros animais (o caso do tamanduá-mirim e da onça). Provavelmente por ser uma escola inserida no meio urbano, onde ao se falar de animais, pensar neles como alimento não os ocorra tão intensamente, apesar de terem citado animais cotidianamente do cardápio quando precisaram se apresentar falando de um animal. Em trabalho com índios Tupinambás, 95% deles estabeleceram relações utilitárias aos animais e, segundo Razera *et al.* (2006), muitas dessas relações eram alimentares.

– O que leio nas histórias –

“As páginas farfalhavam cheias de promessas quando ela o abriu.”

– Conerlía Funke –

Se houve um começo complicado – em que os alunos – e até mesmo a professora de Língua Portuguesa – buscavam encontrar o que me agradaria ler, quais informações científicas eu queria no texto, creio que a pressão acabou antes do fim das nossas atividades.

Na tentativa de uma relação entre as aulas e o conteúdo de Ciências, todos procuravam compreender o que deveria aparecer ali no texto. Muitas vezes me perguntavam se deveria ser mesmo um conto ou se deveriam escrever um texto informativo.

E eu repetia para escreverem um conto, uma história que envolvesse aquele animal. As informações que eles julgassem necessárias para ajudá-los poderiam buscar na internet ou me solicitar. Mas não havia muito a exigir. Eu dava o exemplo: caso você queira escrever uma cena onde ela está comendo, quem sabe você possa colocar o que ele realmente come ao invés de chocolate.

Não que fosse proibido o animal deles comer chocolate.

E é claro, que muitas dessas informações acabaram por entrar no texto, até mesmo por influência de nossas conversas. Pela minha presença diante deles.

Para a melhor compreensão das minhas discussões a seguir, permito-me agora, fazer uma breve sinopse de cada uma das histórias⁸.

A história da baleia-franca nos conta sobre um biólogo que decide visitar um zoológico abandonado à procura da baleia. Acontece que nesse encontro, o biólogo César se vê capaz de conversar com a baleia Mugue que lhe pede ajuda para rejuvenescer os animais do zoológico. O biólogo se torna o herói conseguindo o *chip* rejuvenescedor e respondendo às perguntas com a ajuda de Mugue para fazê-lo funcionar. O herói volta para casa com a sensação de ter vivido um sonho.

⁸ As histórias encontram-se disponíveis por inteiro neste trabalho abrindo-o pela outra capa.

Um sonho é vivido pela Luisa, protagonista da história do cachorro, este representado pela cadelinha Cereja. Luisa começa a história dando muitas informações científicas sobre os cães. Eis que a menina vai parar num mundo secreto dos cachorros – muito semelhante ao nosso, mas onde os canídeos estudam, andam de ônibus etc – onde ela pode conversar com a Cereja. Só que a maravilhosa aventura de Luisa foi apenas um sonho.

Saindo do mundo dos sonhos, o conto do golfinho trata do encontro de uma família com os golfinhos na Baía dos Golfinhos. A problemática da história é que um dos animais é socorrido pela família, que descobre que o animal está com problemas de saúde por obesidade. A obesidade se deve aos alimentos que os turistas dão aos cetáceos quando visitam o local. Com um final feliz, a família descobre que o animal está melhorando e logo retornará ao mar.

O desejo de cuidar dos animais está presente no texto sobre a coruja-buraqueira, em que dois amigos decidem cuidar de uma mãe que “supostamente” está com a asa quebrada e de seus filhotes. Eles trazem macho, fêmea e filhotes para o quintal de casa e acompanham o desenvolvimento dos filhotes que ao se tornarem adultos, são soltos.

Já no conto da joaninha, diversos insetos da espécie são capturados para conter a praga de pulgões na plantação. Eis que elas que se tornam uma praga com tanta comida disponível, porém para não serem exterminadas, Joana convoca todas as de sua espécie para deixarem o local espontaneamente.

Os coelhos quase foram exterminados em seu conto por um caçador que os captura no quintal de uma casa e quase os mata de desnutrição, entretanto, a família consegue resgatá-los. Depois de um tempo, a família decide que é melhor deixar os coelhos viverem em liberdade e os entrega à Polícia Ambiental, enquanto que o caçador Lucas paga a fiança e fica livre.

Os coelhos voltam à liberdade, mas esse não é o destino da lontra que é salva dos maus tratos no rio Sangradouro que está poluído e acaba indo para um zoológico onde os meninos da história sempre vão visitá-la.

Na história da cascavel, ocorre um acidente entre o garoto protagonista – Gabriel - e uma cascavel. Depois de ir ao hospital tomar o soro anti-ofídico, o menino promete não maltratar mais as serpentes. Fato confirmado ao final da história quando encontra uma jararaca no retorno da escola e desvia seu caminho.

No conto de Puck, o tamanduá-mirim, o protagonista passa um dia “comum” fugindo de seu inimigo Pitoco – a onça pintada – e se divertindo com seu amigo Rig – um jacaré. No fim do conto, Puck faz uma armadilha para Pitoco, ficando livre dele e podendo aproveitar com seu amigo o dia na floresta.

Tendo posto você, leitor, a par das histórias, permito-me agora dialogar sobre a imaginação e essas histórias.

Considero importante falar um pouco sobre os conceitos de imaginação. Pois eles são historicamente polissêmicos e escorregadios (GIRARDELLO, 2003). Girardello (2003) nos fala das três metáforas propostas para a função da imaginação em diferentes épocas sugeridas pelo filósofo irlandês Richard Kearney: o espelho, a lâmpada e o labirinto de espelhos.

A primeira, que remete dos tempos da Bíblia ao final da Idade Média, mostra-nos a imaginação como o reflexo da realidade. O pensamento moderno traria a imaginação como a lâmpada que produz a realidade visível ao seu redor (tornam possível a percepção). Enquanto que a visão pós-moderna “clássica” traria a imaginação como o labirinto de espelhos que não tem relação com a realidade e é pleno de alusões, referências e paródia.

Aqui discordo da visão pós-moderna clássica e proponho uma relação entre imaginação e realidade, acreditando que “imaginar seria tornar presente o que presente não está” (GIRARDELLO, 2003). A imaginação se encontra como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de idéias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossa vida se cruzam e interagem (EGAN, 2007).

Ao se permitirem imaginar essas histórias, os alunos trabalharam reunindo fantasias e realidade, mostrando que há um entrelaçamento entre ambos. As crianças se permitem fazer invenções em cima de situações vivenciadas por eles.

Vemos as invenções na baleia que fala, num *chip* que é capaz de rejuvenescer e libertar, animais “mitológicos”, porta invisível, médicos cachorros, joaninhas que fazem reunião, tamanduás que fazem armadilhas para onças.

Apreciar essas reflexões do seu arcabouço cultural e do seu poder de invenção, desenvolver com os alunos a imaginação e a narrativa são ações importantes na educação, muitas vezes invisíveis à maioria.

Como nos diz Egan (2007), ao olharmos a prática educacional convencional assumimos que o principal objetivo da educação é assegurar que os alunos acumulem conhecimento, habilidades e atitudes apropriadas para suas vidas. Entretanto, o autor nos destaca que o fundamental para pensadores como Platão, Rousseau e Dewey, é capacitar os alunos a tornarem-se pensadores autônomos, capazes de perceber as idéias convencionais como são e capazes de imaginar condições distintas daquelas.

E o desenvolvimento das capacidades narrativas da mente, do uso imediato da metáfora, de sua integração entre o cognitivo e o afetivo, de sua construção de sentido e significado (...) são fundamentais à nossa capacidade de dar sentido à experiência (EGAN, 2007).

Refiro-me à dupla que imagina uma interação e sua responsabilidade sobre a lontra que encontram próximo a suas casas; às meninas que escrevem sobre a visão de um golfinho na Baía dos Golfinhos ao conversarem sobre o passeio que a prima de uma delas fez lá. É também dar significado ao desconhecido, ao novo. É narrar sobre controle biológico de forma afetiva; é criar aventuras para um tamanduá em que não se pensava, mas que se descobre que é comido por onças.

O desenvolvimento do modo narrativo da mente tende a receber menos atenção nas escolas porque não é visto como produtivo, não do mesmo modo como o desenvolvimento lógico das habilidades matemáticas o é (EGAN, 2007). Não enxergando a sua importância para trazer do imaginário (das abstrações científicas) a relação para o concreto. De poder ver presente o que está ausente, como citei anteriormente. De perceber que a ciência se utiliza o tempo todo da imaginação para poder logicamente desenvolver seu raciocínio e enxergar as conclusões (invisíveis) em cima dos resultados (visíveis). A imaginação não é o oposto da racionalidade, mas é o que pode dar vida, energia e rico significado ao pensamento racional (EGAN, 2007).

Deste modo, “ser capaz de imaginar é ser capaz de ser livre das aparências convencionais” (SUTTON-SMITH, 1988 *apud* EGAN, 2007), ou seja, a educação poderia ser capaz de ser livre para assumir ou não as convenções, para imaginar a condição melhor. Incentivando a imaginação no ensino de ciências, estamos estimulando as percepções independentes dos alunos na compreensão da ciência que não chega “A” verdade, mas na ciência que construiu visões do mundo, algumas dominantes e outra não.

Atualmente, não é raro conferirmos às atividades científicas um caráter rigorosamente objetivo e comprometido com interpretações “realistas” da natureza (DOMINGUES, 2006). Porém, apesar dessa busca de objetividade, a ciência, tal como a arte, também é um produto da criatividade humana (DOMINGUES, 2006), também sofre subjetividade e é abalada pelo poder de imaginar. Na ciência também há a necessidade de se ver além daquilo que se mostra.

E mesmo quando os alunos se permitem inventar, eles estão sujeitos às regras da realidade. Eles estão enquadrados dentro de referenciais que possuem.

Segundo Coracini (1999 *apud* Oliveira, 2006), as atividades que ocorrem na escola (quase) não contribuem para a construção da identidade, pois a forma como o ato de escrever tem sido abordado na situação escolar não envolve o sujeito. Já que lida com a idéia de escrever, é a soma de frases que exprimem um pensamento de maneira correta, estando a identidade do autor fora do discurso. Não lhes permitindo ser autores com liberdade de pensamento e sim reprodutores de informações transmitidas pelos professores.

Foi possível, por meio dessas histórias, resgatar um pouco dos próprios alunos-autores nessas histórias que estavam além do texto dissertativo, comumente utilizado nas disciplinas científicas.

É como está na epígrafe do capítulo **Sobre como escrevi esta história**, para interagir com o mundo, para se apropriar e dar sentido ao que as cerca, as crianças precisam brincar com os significados, com as palavras, com as imagens, com os saberes (DOMINGUEZ, 2006). Aliás, não só as crianças precisam brincar com as idéias, mas nós adultos também precisamos fazê-lo para uma melhor compreensão. E acabamos “rascunhando” essas idéias. Pois as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras (LAROSSA, 2002).

Enquanto há um resgate das idéias dos próprios alunos, eles também incorporam novos conceitos aprendidos na escola ou pesquisados para a história em seus textos. Destaco isso com alguns trechos:

Com base em seus estudos, já sabia que ela pesava de 40 a 80 toneladas, o seu tamanho de 15 a 18 metros de comprimento e o seu nome científico Eubalina australis. Também sabia que

elas se alimentam do Krill, uma espécie de camarão e, que também, as baleias não possuem dentes, e sim, barbatanas.

-Mãe, sabia que os cães domesticados apresentam as mesmas características de um lobo? Ah! E também que o nome científico dos cães é: *Canis lupus familiares*. E também que o peso médio dos cães domésticos é de 1 Kg a 70 Kg.

(...) viram um grande golfinho bem no meio do oceano. Ficaram admirados com a beleza daquele mamífero enorme.

Pessoas iriam pegar joaninhas (que comiam pulgões) para acabar com a praga.

Esclareço que no período em que comecei as atividades com os alunos, eles haviam iniciado o conteúdo de classificação e nomenclatura científica. Alguns acabaram por retirar em versões posteriores, mas o nome científico dos animais (embora não solicitado por mim) foi o que mais apareceu nas histórias assim que eles começaram a escrevê-las.

Houve ainda momentos em que pudemos trocar conhecimentos (aqueles tradicionais) durante as aulas em que eles estavam escrevendo as histórias. Uma questão que apareceu algumas vezes foi se a baleia e o golfinho deveriam ser considerados peixes. A primeira vez foi com a dupla da baleia franca. A menina desceu à biblioteca para procurar um livro que falasse sobre baleias, ao retornar estava chateada e me falou que só encontrou um que falava de peixes no geral e outro de tubarões.

Eu, estudante de biologia respondi automaticamente que baleia não era peixe, ao que ela me retrucou “Não? Claro que é!”. Decidi brincar com ela, ri e disse que meu coração doeria se ela repetisse isso depois que eu dissesse que baleia é um mamífero. E ela me indagou: “Mas peixe não é mamífero?”, ao que ela mesma remendou: “Ah, não. É um peixe!”. Percebi que o trabalho teria valido a pena já por aquela discussão (era a mesma menina que não gostava das verrugas da baleia). Falei que os mamíferos eram um grupo que ela iria estudar em Ciências, do qual fazíamos parte, cujos filhotes, assim

como os nossos, nasciam vivos da barriga da mãe e mamavam. As baleias tinham filhotes assim, mas os peixes não mamam.

A conversa não terminou por aí, ela me perguntou como as cobras tinham filhotes. Eu respondi. Então ela me disse que tinha essa dúvida porque a mãe havia dito que a cobra tinha os dois sexos no mesmo indivíduo. Passamos a falar sobre as minhocas (talvez ela mesma, e não a mãe, possa ter feito a confusão) e sua reprodução cruzada, o que arrancou muitos risos.

Com o menino da cobra, conversamos sobre o funcionamento do soro e a impossibilidade de um médico retirar o veneno da cobra do corpo. Pesquisamos juntos na internet e ele ficou lendo alguns textos após a minha conversa com ele.

A dupla do coelho conversou sobre a sua alimentação em casa (com rações) e no ambiente natural. Nesse dia, eu contei com o auxílio de uma amiga para fazer os registros e ela conversou com as meninas sobre o porquê de os coelhos comerem seu cocô.

Há inúmeros exemplos que eu poderia citar aqui que mostram a construção de histórias como forma tanto de fazê-los pesquisar e estudar os conteúdos tradicionalmente aprendidos na sala de aula, quanto como de discuti-los (ensiná-los) de maneira distinta, conforme a necessidade e a curiosidade dos próprios alunos, podendo atingi-los com as informações de forma significativa para eles.

Sobre as histórias, também considerei muito interessante os olhares acerca dos humanos. A espécie humana é retratada de modos diferentes em cada história, sendo que apenas uma delas não conta com a presença humana em suas linhas: a do tamanduá-mirim.

No conto do cachorro há uma relação de extremo companheirismo e afeto entre seres humanos e o canídeo, reafirmando o antigo laço de amizade entre as espécies melhores amigas. Esse companheirismo, apesar de presente nas ações com animais domésticos é retratado pelas alunas não colocando em nenhum momento a cadelinha protagonista como dependente da sua “dona”. Recordando Bárbara Smuts ao falar de sua relação *pessoal* com sua cadela Safi.

(...) porque relacionar-se com outros (humanos ou não-humanos) dessa forma exige que se renuncie ao controle sobre

os outros e sobre a maneira de eles se relacionarem conosco. (...)Embora ela dependa de mim para prover certas necessidades, como comida e água, essa dependência é contingente, não inerente; se eu vivesse no mundo dos cachorros selvagens, dependeria dela para obter comida, proteção e muito mais. Ela não é minha filha; ela não é minha serva.

Dal-Farra (2008) nos traz uma afirmação de James Serpell sobre a relação do ser humano com animais de estimação: “o cão doméstico existe de maneira precária na terra de ninguém, entre o humano e o não humano, não é pessoa, nem animal”. Os animais são vistos como outros, mas são entendidos socialmente, ou seja, como pessoas (DAL-FARRA, 2008), destacando-se as similaridades e diferenças destes conosco.

Outras histórias mostram essa relação de companheirismo dotando os humanos de um poder de cuidar de todos os animais, aquele que faz o bem ao mundo. É o caso da história da coruja, do golfinho, da lontra e, até mesmo, a do coelho e da baleia.

Esse poder de cuidar é muitas vezes estimulado nas crianças pelos adultos por meio da criação de animais. Justificativas a favor da criação de animais consideram que o contato com animais de estimação dóceis, companheiros desempenha um papel pedagógico importante (DAL-FARRA, 2008). Segundo a autora, deixam de ser brinquedo das crianças para se tornar algo sério. Alguém para as crianças cuidarem.

Esse cuidado ora era em casa ora era por um órgão responsável (IBAMA, Polícia Ambiental, Zoológico). Chegamos a conversar no dia da apresentação sobre o assunto. Primeiramente, quando questionei aos meninos da lontra se acreditavam ser o melhor fim ao animal, ir para o zoológico. Eles foram favoráveis, enquanto alguns contrariaram, falando do direito dos animais à liberdade e que a lontra poderia encontrar uma forma de sobreviver.

Quando a história da coruja foi apresentada, eu retomei a questão do cuidado perguntando se era realmente nosso papel cuidar dos animais que encontramos machucados. Os autores, novamente, defenderam o ponto de vista expresso nela (embora a própria história pareça ter mostrado os problemas de se “intrometer” na vida dos animais silvestres) e a maioria da turma também defendeu o mesmo ponto de vista. Então eu mudei a pergunta para: “Devemos nós levar qualquer animal encontrado machucado para casa? Mesmo se for uma capivara?”. A turma discordou, disse que

deveriam chamar a Polícia Ambiental (um discurso recorrente em algumas das falas deles e até presente nas histórias), indicando que o cuidado é necessário, a diferença de serem eles mesmos a cuidarem ou não estaria no tamanho e no risco que o animal ofereceria.

A relação de utilidade nos animais foi representada pela história da joaninha. Incrível, na minha opinião, não possuir tantas representações de animais como seres úteis/benéficos ao ser humano. Visto que esta é uma das visões predominantes no ensino de Ciências e Biologia, classificação apontada por Ripoll (2008) como ainda tão comum nos livros didáticos. São as propriedades médicas encontradas nas substâncias químicas de alguma parte da rãzinha da Amazônia, os microorganismos fermentadores de pão e cerveja, a planta que cura inúmeras doenças, e não pára por aí. Segundo Santos (2009) a natureza é enxergada como algo mecânico desprovido de valores que não os utilitários. Inclusive nos discursos conservacionistas, ao se argumentar que devemos preservar por desconhecer as possíveis tecnologias ali presentes ou para garantir fonte de vida para nós mesmos, humanos.

Não pretendo afirmar que a aluna autora da história possua uma visão estreitamente utilitarista, apenas reitero que essa é uma visão amplamente estabelecida nos materiais didáticos, nas aulas de Ciências e na sociedade. Portanto, o aparecimento do manejo de seres vivos em prol da espécie humana é apenas um reflexo de relações estabelecidas socialmente.

A relação demonstrada na história da cobra é semelhante aos discursos conservacionistas muitas vezes. Uma boa convivência, um respeito mútuo entre as diferentes formas de vida (quando o menino passa a compreender o ataque da cobra e desvia seu caminho da jararaca dizendo que não irá perturbá-la).

Vemos hoje necessidade de conjugar a preservação da natureza com a manutenção da população humana local através de suprimento dos recursos de que os mesmos precisam; emergem, então, discursos que defendem a harmonia entre o sustento de comunidades locais e a conservação de ambientes naturais (...). O fenômeno da urbanização nas últimas décadas, com a transformação na paisagem rural e o conseqüente aumento das cidades, trouxe também os “seres limítrofes” (...). Por vezes, ao abrirmos os jornais do dia observamos notícias de ratões-do-banhado e gambás que se tornam invasivos em

nossas habitações, tal como nós mesmos invadimos as áreas de mata nativa e acabamos por reduzir o espaço em que estes animais habitavam. (DAL-FARRA, 2008, p. 24)

O mesmo se dá para diversos animais como mosquitos, lagartixas, moscas, borboletas, formigas. Muitas vezes invisíveis para nossos olhos até nos incomodarem pela “invasão”.

Como Dal-Farra (2008) nos fala, aceitamos a presença de alguns animais (sob certas condições) e interditamos outros dentro do “mundo que criamos” para habitar, conforme as necessidades da vida e os discursos que as justificam; e deixamos as representações que estão perto de nós se tornarem invisíveis, esquecendo-nos de que as adotamos. Assim, afagamos um animal de estimação, defendemos a proteção dos esquilos da floresta e do urso panda, mas fechamos os olhos para os animais de produção que nos servem de alimento, ou para o gambá que aparece em nossas ruas (DAL-FARRA, 2008).

Das imagens não podemos nos esquecer. Escolhidas pelos alunos, foram todas retiradas da internet e não representam a história, não conversam com a história. Sendo a única exceção a imagem que leva a legenda “Mugue em seu habitat natural” que inclusive nos leva a entender o que não está escrito no texto formal da história.

Os alunos foram incentivados a ilustrar suas histórias caso desejassem, embora alguns tenham se animado no início com essa idéia, apenas um alunos realmente chegou a desenhar. Este foi um desenho da cascavel, porém o desenho não me foi entregue.

Inclusive quando um dos membros da dupla faltava e o outro não possuía a história eu pedia que procurasse ilustrar o texto que estavam construindo.

Mas por que os alunos procuraram ilustrar seus trabalhos com imagens que considerassem bonitas em vez de suas próprias criações? Ou por que motivo não procuraram estabelecer uma correspondência entre imagem e conto?

Talvez tenha faltado um foco maior meu com a realização dos desenhos ou com essa ilustração. Parado para analisar as figuras que eles estavam escolhendo e interferir de alguma forma fazendo-os pensar nas suas escolhas.

– Epílogo: sobre escrever em sala de aula –

Chego ao fim deste trabalho discutindo o próprio processo de propor uma atividade como esta em sala de aula.

Creio ter demonstrado durante todo esse trajeto percorrido através de letras, tinta e papel que considero importante e significativa a prática de escrita e leitura em sala de aula em todas as disciplinas, seja por promover o desenvolvimento da língua, da imaginação, do conteúdo programático de forma distinta; seja por permitir o lúdico, a propriedade da palavra do aluno, a construção dialogada do conteúdo, por permitir a expressão da emoção e do eu.

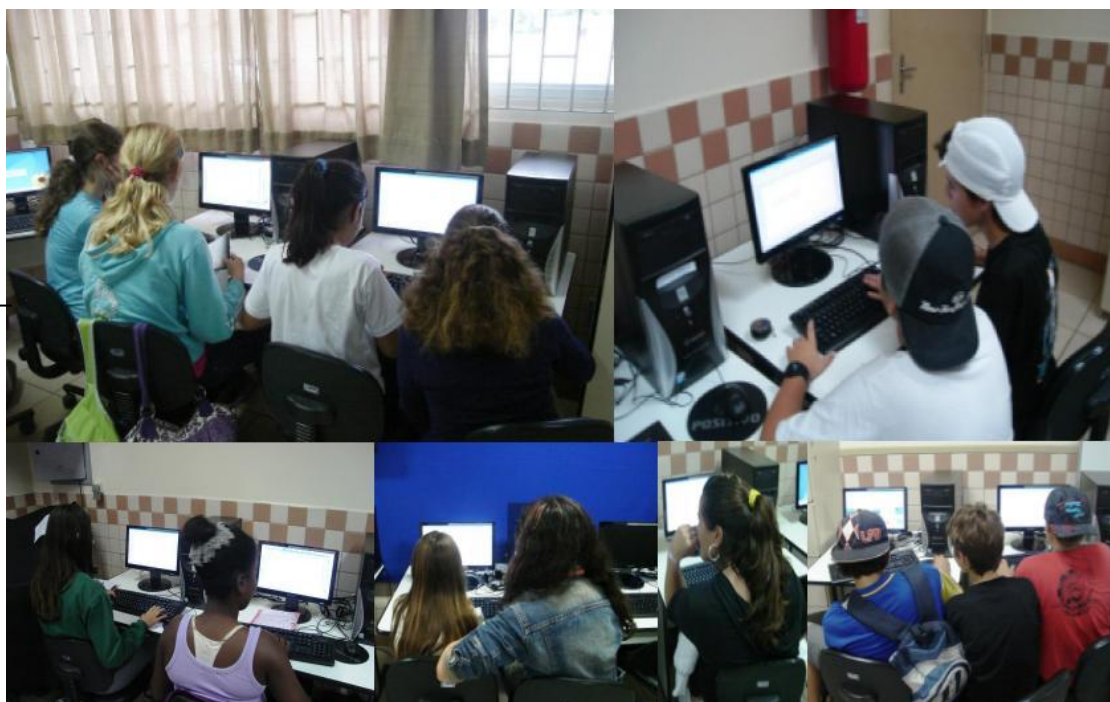
Por meio dessas histórias podemos conhecer mais nossos alunos, por suas visões e anseios impressos no papel. Proporcionar a eles a mudança do olhar do aprender ciências, do quanto eles aprendem e ensinam entre si ao se expressarem.

Fez-se aqui o que Oliveira-Junior (2006) procurou fazer com os desenhos: deslocar a ação do professor para a “ação passiva” da escuta e deslocar a ação dos alunos para uma “ação ativa” que coloca o saber em circulação.

E, embora essa parte não tenha se concluído no meu trabalho, não descarto a importância de trabalhar textos literários (não somente esses de autoria dos alunos), pois eu e outros autores como Salomão e Lopes (2009) acreditamos que essa aproximação entre aulas de ciências e literatura tem se mostrado uma grande ferramenta no ensino. Mostrando-se como um potencializador da aprendizagem de conteúdos científicos, sobretudo por promover a motivação dos alunos para o estudo desses conteúdos (SALOMÃO & LOPES, 2009). Porque os conteúdos dos textos literários, mais subjetivos, quando confrontados com os conteúdos científicos, mais objetivos, podem servir como instrumento de abrangência, de questionamentos, ou de complemento (LINSINGEN, 2008ii).

Chamo a atenção agora ao fato de podermos contar com uma sala informatizada na escola da qual os alunos fazem uso nas disciplinas. A não conclusão do meu planejamento muito se deu pelo uso dessa sala. Os alunos terminaram suas histórias, mas demoraram muito para digitá-las. Por quê?

Muitos deles não possuem computadores em suas casas e esse contato foi muito especial, eles ficaram no primeiro encontro que tinham para digitar literalmente “fuçando” os programas. Descobrimos os tipos de letras, as cores, experimentando as possibilidades de construção da sua história naquela tela. Foi especial.



Retirada do blog da sala informatizada: salainfodilmalucia.blogspot.com/

Um dos alunos ficou de arrumar a história dele que eu havia digitado (pois ele faltou muitas aulas e os outros estavam muito adiantados) como ele havia escrito, mas que a professora de português e eu havíamos feito algumas observações. Quando retorno a ele alguns minutos mais tarde, vejo que ele ainda está lendo um texto na página virtual que estivemos estudando. Pergunto se ele já havia terminado e ele, envergonhado, diz que não conseguiu voltar ao documento de edição do texto e que tem dificuldade para digitar, que é muito lerdo. Sento com ele e vou explicando como se faz. Tentamos juntos digitar o texto, ele digita propriamente e eu o auxilio a encontrar as letras e os sinais.

Ele não gostava tanto desses momentos, enquanto a maioria me questionava, cada vez que me via na escola, se haveria aula naquele dia na sala informatizada. Duvido que se sentisse assim por não gostar do local, mas sim, porque era um momento em que ele se sentia imobilizado diante dos outros.

Belloni (2008) observa que a utilização dessas máquinas é fonte de auto-estima e motivação para a aprendizagem, especialmente para jovens desfavorecidos. Proporcionar esse contato e manuseio dos computadores ou outras formas de tecnologia auxilia a inseri-los no mundo tecnológico informacional que nos rodeia, evitando situações que inviabilizem processos de aprendizagem e futuros profissionais (seja pelo próprio desconhecimento ou pela vergonha dele).

A integração de tecnologia de informação e comunicação aos processos educacionais é uma das transformações necessárias à escola para que esteja mais em sintonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea de economia globalizada e cultura mundializada (BELLONI, 2008, p. 100).

Mesmo porque, como nos fala a autora, “os jovens incorporam fácil e rapidamente as novas tecnologias quando têm acesso a elas, simplesmente porque estão incorporando todos os elementos de seu universo de socialização”. Mas, Belloni (2008) nos mostra que é preciso considerar duas dimensões indissociáveis dessas tecnologias: ser “objetos de estudo” multifacetados e complexos e “ferramentas pedagógicas” capazes de potencializar as situações educativas.

Neste trabalho elas foram ferramentas pedagógicas que alcançaram o papel de objetos de estudo diante dos meus olhos pela significância demonstrada para o processo educacional e cidadão desses alunos, tanto quanto por fazê-los compreender a importância da expressão e da imaginação ao trabalhar temas científicos ou discutir problemáticas ambientais com eles. Este trabalho indica um caminho de possibilidades de trabalho com crianças e jovens dentro e fora das salas de aula que os despertem para os mais variados sentidos e conhecimentos.

– Referências –

BANDEIRA, P. **Pântano de sangue**. São Paulo: Editora Moderna, 1998, p. 36-40

BELLONI, M. L. Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações. In: FANTIN, M. & GIRARDELLO, G. (orgs.) **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Editora Papirus, 2008.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. **Texto e interação: uma proposta textual a partir de gêneros e projetos**. São Paulo: Editora Atual, 2000.

CORACINI, M. J. A produção textual em sala de aula e a identidade do autor. In: CORACINI, M. J (org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

DAL-FARRA, R. A. Quando os animais invadem a sala de aula. In: SILVEIRA, R. M. H. (orgs.) **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: Editora ULBRA, 2008.

DÍAZ, M. J. M. Enseñanza de las ciencias ¿Para qué?. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 1, n. 2, 2002.

DOMINGUEZ, C. R. C. **Desenhos, palavras e borboletas na educação infantil: brincadeiras com as idéias no processo de significação sobre os seres vivos**. 176 f. Tese (Doutorado em Educação, USP), São Paulo, 2006.

EGAN, K. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, C. & CABRAL, G. S. (orgs.) **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas: Papirus, 2007.

GIRARDELLO, G. A imaginação no contexto da recepção. **Revista interamericana de comunicação midiática**, v. 2, n. 1 jan/jul, 2003.

GRAIPEL, M. E. **Saru, o guerreiro da floresta**. Holambra: Editora Cuca fresca, 2007.

HEISENBERG, W. **La imagen de la naturaleza en la física actual**. Barcelona: Orbis, 1985.

KINDEL, E. A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais**. 195 f. Tese (Doutorado em Educação, UFRGS). Porto Alegre, 2003.

KUPSTAS, M. **Sapo de estimação**. 16^a edição. São Paulo: Editora Moderna, 1993, p. 5.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Autores Associados, n.19, 2002.

LINSINGEN, L. V. Alguns motivos para trazer a literatura infantil para a aula de ciências. **Revista Ciência e Ensino**, v. 2, n. 2, 2008 i.

LINSINGEN, L. V. **Literatura infantil no ensino de ciências: articulações a partir da análise de uma coleção de livros**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica, UFSC). Florianópolis, 2008 ii.

MÁRQUEZ, C.; PRAT, A. Leer em clase de ciencias. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 23, n. 3, 2005.

MARTHA, A. A. P. A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea. **Letras de Hoje**, v. 43, n.2, 2008.

OLIVEIRA, O. B. de. Leitura e escrita no ensino de ciências: algumas reflexões sobre a formação do aluno-autor. In: MOHR, Adriana; MAESTRELLI, Sylvia R. P.; VALÉRIO, M.; CASAGRANDE, G. de L. (orgs.) **Anais do II EREBioSul**, Florianópolis: 2006.

OLIVEIRA, R. M. M. A. e PASSOS, C. L. B. Promovendo o desenvolvimento profissional na formação de professores: a produção de histórias infantis com conteúdo matemático. **Ciência e Educação**, v. 14, n. 2, 2008.

OLIVEIRA-JUNIOR, W. M. de. Desenhos e escutas. *In: Grupo de trabalho sobre Currículo na 29ª Reunião da ANPED*. Caxambu: 2006.

REZERA, J. C. C., BOCCARDO, L., PEREIRA, J. P. R. Percepção sobre fauna em estudantes indígenas de uma tribo Tubinambá no Brasil: um caso de etnozoologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 5 , n. 3, 2006.

RIPOLL, D. A classificação dos seres vivos e os Estudos Culturais: uma articulação possível na sala de aula. *In: SILVEIRA, R. M. H. (orgs.) Estudos culturais para professor@s*. Canoas: Editora ULBRA, 2008.

RODRÍGUEZ, F. P. Competencias comunicativas, aprendizaje y enseñanza de las Ciencias Naturales: un enfoque lúdico. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 2, 2007.

SALOMÃO, S. R.; LOPES, E. M. O uso da literatura no ensino de Ciências no primeiro segmento do ensino fundamental: desafios e possibilidades. *In: Atas do VII Enpec - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Florianópolis: 2009.

SANTOS, L.H.S. **Biologia dentro e fora da Escola: meio ambiente, estudos culturais e outras questões**. Porto Alegre: Editora Meditação, 2000.

SANTOS, J. R dos. **Educação ambiental e o trabalho com valores: olhando para os animais**. 116 f. Dissertação (Projeto de Mestrado em Educação, UNESP), Rio Claro, 2009.

SANTOS-FITA, D. e COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozoologia. **Revista Biotemas**, v. 20, n. 4, 2007.

SEZERINO, M. **Abrindo caixas de memórias: escritas inventivas em pesquisas sobre educação e meio ambiente**. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas, UFSC), Florianópolis, 2009.

SMUTS, B. Reflexões Barbara Smuts. In: COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SUTTON-SMITH, B. In search of the imagination. In: EGAN, K. & NADANER, D. (orgs.) **Imagination and education**. Nova Iorque: Teachers College Press; Milton Keynes Open University Press, 1988.

WILSON, E. O. **Biofilia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

WORTMANN, M. L. C. A natureza e a literatura infanto-juvenil. In: Wortmann, M. L. C.; SANTOS, L. H. S.; Ripoll, D.; Sousa, N. G. S.; Kindel, E. A. I. (Org.). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência. A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia - instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

– Anexo –

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

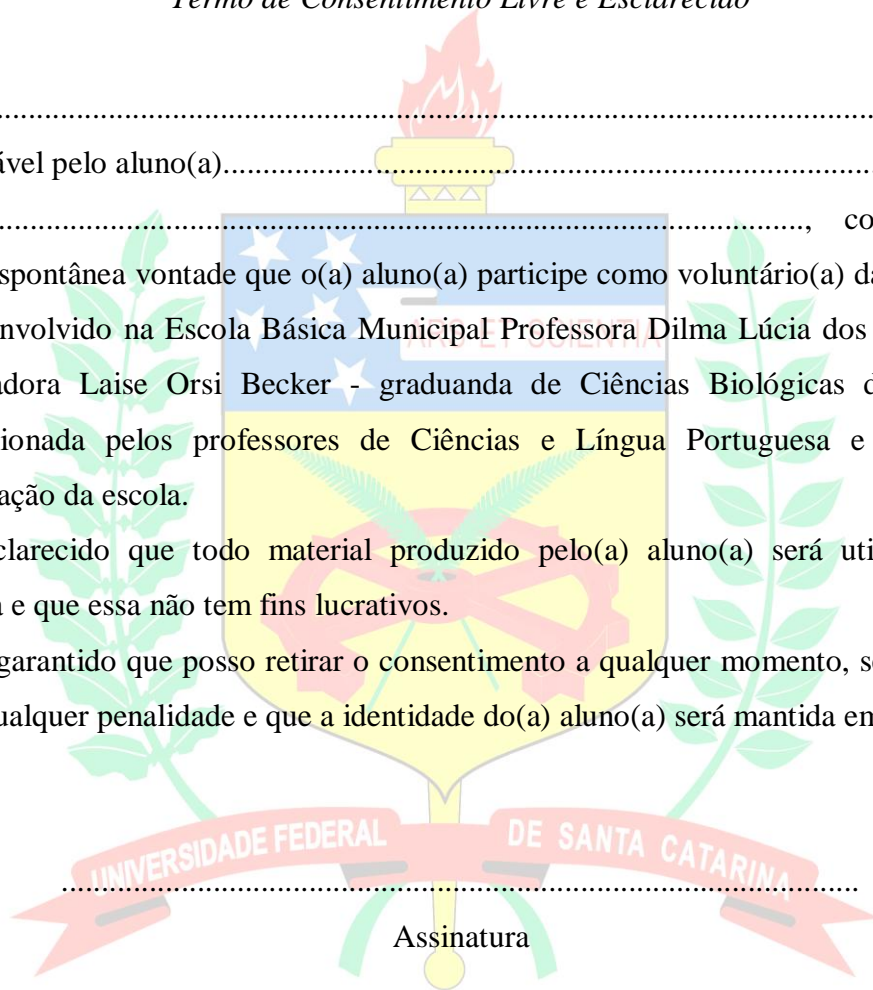
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,,
responsável pelo aluno(a).....

....., concordo de
livre e espontânea vontade que o(a) aluno(a) participe como voluntário(a) da Pesquisa a
ser desenvolvido na Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos pela
pesquisadora Laise Orsi Becker - graduanda de Ciências Biológicas da UFSC –
supervisionada pelos professores de Ciências e Língua Portuguesa e da própria
coordenação da escola.

Fica esclarecido que todo material produzido pelo(a) aluno(a) será utilizado para
pesquisa e que essa não tem fins lucrativos.

Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso
leve a qualquer penalidade e que a identidade do(a) aluno(a) será mantida em sigilo.



Assinatura

Florianópolis, de de 2009.

Pesquisadora responsável: Laise Orsi Becker

Professor orientador: Leandro Belinaso Guimarães

UFSC / CED / MEN / Grupo TECENDO – Estudos Culturais e Educação Ambiental.

Contato: 9602-9311

Histórias sobre animais



Turma 63 – ano 2009
Escola Básica Municipal Dílma Lúcia dos Santos

– Sumário –

Uma tarde meio pirada.....	8
O mundo mágico dos cães.....	9
O golfinho.....	13
A coruja buraqueira.....	18
Joaninha.....	23
A coelha Tatá, o coelho Sansão e os filhotes.....	30
A lontra.....	40
A cascavel.....	43
O tamanduá-mirim.....	47

Uma tarde meio pirada

Por Clara da Silveira e Letícia Piva

No centro de Florianópolis havia um zoológico que tinha perdido muitos visitantes, porque os animais estavam sendo mal-tratados. As jaulas estavam sujas, os animais com aspectos feios, o jardim mal-cuidado.. E tudo isso foi se acumulando, até que um certo dia um morador da Vila Sésamo resolveu visitar o local.

César, era um biólogo famoso na cidade, estava fazendo uma pesquisa sobre os animais. Havia muito tempo que ele tinha uma grande curiosidade sobre as baleias francas que visitam as áreas de Santa Catarina durante o inverno. Com base em seus estudos, já sabia que ela pesava de 40 a 80 toneladas, o seu tamanho de 15 a 18 metros de comprimento e o seu nome científico *Eubalina australis*. Também sabia que elas se alimentam do Krill, uma espécie de camarão e, que também, as baleias não possuem dentes, e sim, barbatanas.

Ele caminhou o parque inteiro e encontrou o tanque da Mugue, como era chamada a baleia. O rapaz observou por um bom tempo, quando viu um lindo som. Era ela com o seu canto. César ficou encantado com o que ouvia e, então, se deu conta que estava entendendo o que a baleia estava dizendo.

- Ei, você está falando comigo? Psiu, está me entendendo?

- Sim, estou chamando você, preciso de sua ajuda, as pessoas daqui não nos tratam bem, acho que estamos envelhecendo muito rápido.

- Mas que tipo de ajuda você quer?

- No centro do parque, embaixo da lixeira vermelha, tem um portal, lá você vai ter que procurar um chip rejuvenescedor.

- Ah, vai ser moleza – Pensou César.

- Boa sorte!

Lá foi ele, procurar a lixeira. Quando ele a encontrou e levantou-a, achou uma chave, que iria abrir a “porta invisível”. Ao tocar no objeto, apareceu a entrada do portal, o rapaz deu um passo à frente e abriu-o. Quando entrou, ele viu animais mais estranhos do que estava acostumado, bichos de sete cabeças, répteis soltando fogo, criaturas extremamente esquisitas. Como ele era um biólogo tinha seus elementos de defesa, mas nunca imaginou que iria enfrentar esses tipos de bichos. Estava tão nervoso que não parava de olhar para o chão, e quando abaixou a cabeça pela terceira vez, visualizou uma

espada mágica e conseguiu acabar com as criaturas. César caiu dentro de um riacho, onde avistou uma linda sereia, a bananinha. O rapaz se aproximou dela e pediu informações sobre o tal chip, ela sabia onde o encontrar e contou a ele. Após pegar o chip, César levou-o até a baleia e perguntou:

- Mugue, o que faço agora com esse chip?

- Leia a bula, e me diga o que está escrito! Assim fez César.

"Faça o que se pede:

Responda as seguintes perguntas sobre o animal, (Baleia Franca):

Quanto tempo ela vive?

Por que as baleias migram até SC no inverno?

O que são aquelas bolas brancas no corpo?"



- Mugue, mas essas informações são desconhecidas pela ciência!

Ele lhe disse o que estava pedindo, e esperou respostas.

- Ah! Isso é fácil. Na verdade, não se sabe ao certo a idade máxima que podemos chegar, muitas de nós passam dos 80 anos.

- Continue, estou anotando, falou César.

- Nós imigramos para o litoral catarinense, lá encontramos nas praias da região, águas calmas e com boas temperaturas para termos e criarmos os nossos filhotes. E essas "bolas brancas" são verrugas de nascença, todas as baleias têm, só que diferente uma das outras.

- Mugue, muito obrigado, e se prepare, pois o chip rejuvenescerá todos os animais do zôo e espero que ele os mande para seus habitats naturais! - Exclamou César.

- Lupi!!! Preparadíssima! Obrigada por tudo que você fez, hoje foi um dia

maravilhoso.

- Não foi nada, espero que você seja feliz, e venha me visitar no inverno, apareça no Morro das Pedras.

Depois da despedida, César voltou para a sua vila, tudo isso estava parecendo um conto de fadas.



" Mogue em seu habitat natural."

O MUNDO MÁGICO DOS CÃES



Por Flora P. Bandeira e Maria Mária J. Holleweger

Luisa é uma menina que mora em Florianópolis, e ela decidiu um dia desses saber como era a vida da sua cachorrinha. Então foi pesquisar na internet e... uma hora depois...

- Mãe, mãe você nem sabe tudo que eu aprendi sobre os cães!

- O que filha? Hoje estou com tempo você pode me explicar tudo.

- Mãe, sabia que os cães domesticados apresentam as mesmas características de um lobo? Ah! E também que o nome científico dos cães é: *Canis lupus familiares*. E também que o peso médio dos cães domésticos é de 1 Kg à 70 Kg. E também dependendo de como são tratados podem viver até 15 anos!!! E também, e também é...

- Calma, filha, assim você vai ter um treco!!!

- Mãe, a vida dos cães é tão legal!!!!!! Será que a vida da Cereja é legal assim???

- Claro, filha, você trata a Cereja super bem!!! Dá comida direitinho!

- Está, mãe! Agora eu tenho que ir pesquisar, quero saber tudo, sobre a vida dos cachorros!!

- Onde você vai? E cadê a Cereja?

- Ah, mãe, a Cereja deve está dormindo, e eu vou ao Pet Shop, na biblioteca, na Lan House e no shopping!



- Está bem, tchau!

Luisa foi pelo atalho, no caminho viu um poço, mas ela não sabia que ele era mágico, ela como sempre curiosa, foi ver o que tinha ali dentro, se debruçou para ver melhor e sem querer a menina caiu lá dentro. Começou a ver coisas coloridas se mexendo, vozes e desmaiou!

Quando abriu os olhos, viu lancachorretes, rescãorantes, hospicão e lojas com umas roupas, sapatos esquisitos e vários cachorros andando como se fossem gente.

- Você está, bem? - Disse Cereja como se fosse humana.

- Ah! Cereja! O que é aqui? Onde estou? Como vim parar aqui? Você está falando?

- É, bom... Você está em outro mundo! O mundo dos cachorros, é para aqui que eu venho quando você não me acha.

- Mas eu não entendo!



- Deixe que eu te explique. Aqui é o mundo dos cães, e podem ser livres, você é a segunda humana que consegue entrar aqui.

- E quem foi a primeira?

- A sua mãe.

- Que você pirou? Hello, Cereja!! Tá lembrada da minha mãe? Ela é aquela dona de casa... tá doida é?

- Bom a sua mãe, ela já sabia sobre esse mundo.
- Que? Agora mesmo menina, vamos ao veterinário, você tá doida!!
- Vem! Se você não acredita, eu ligo pra ela pra você ver!!

Depois de um tempo quando chegaram a um telefone público...

- Alô? Oi dona Susana aqui quem fala é a Cereja. A sua filha está aqui e não quer acreditar que você já sabia de tudo isso. O que digo a ela?

- Não sabia que ela iria pelo atalho senão teria contado tudo a ela, mas a diga que acredite em você a final você é a cachorrinha dela.

- Está bem, dona Suzana, vou dizer exatamente isso. Beijos. Tchau!

E depois de uma longa conversa sobre tudo isso...

- Eu não acredito nisso, Cereja!! - Disse Luiza.
- É, mas é verdade!
- Cereja, será que você poderia me dizer mais sobre os cachorros? - Disse Luiza curiosa

para saber mais sobre os cães.

Cereja, logo depois, responde:

- Claro, que sim! Vai ser tão legal, contar a minha vida pra você, o que quer saber primeiro?

- Que bom! Fale sobre os filhotinhos!

- Ah! Vocês humanos só pensam em filhotes, mas deixa eu começar, os cachorrinhos que aqui moram vão à escola, normalmente pela a manhã, a aula começa às oito horas, depois almoçam e brincam de... E quando chega a noite dormem...

Depois de uma hora...

- Nossa!! Adorei saber sobre os cachorros! Eu gostaria de ser um poodle toy! Eles são tão lindos!

E depois de um dia super legal, divertido e cansativo no mundo dos cães, chega a hora de ir embora!!!

- Mas com eu vou embora?
- Xiiii!!!! Eu não sei... - Disse Cereja preocupada.
- E agora como eu vou?
- Acho que você tem que se atirar no nosso poço.
- Tá bem, vamos lá!

Ela se atirou e foi parar num lugar com vários caracóis de arco-íris e caiu do lado do poço que tinha ido para o mundo dos cães, mas com um detalhe, a sua cachorra Cereja do seu lado. E a perguntou:



- Você tá bem?

Mas Cereja não respondeu. Ela não consegue falar no mundo dos humanos. Quando chegou em casa com Cereja, sua mãe (Suzana) lhe perguntou como tinha achado a cachorra, ela inventou uma história qualquer e foi para o quarto pensar.

De repente o celular toca e ela acorda e percebe que era tudo um sonho. Ela corre para a cozinha e pergunta para sua mãe se aquilo tinha acontecido de verdade, e sua mãe fala:

- Filha de onde você tirou essa história?

Elas ficam discutindo isso um bom tempo e só param quando Cereja chega e dá umas belas lambidas em Luisa, a garota feliz pensa como seria se sua cachorrinha falasse e tivesse um mundo só dela. Mas continua feliz por saber que tem uma cachorrinha tão especial que a ama.

CACHORRINHOS!!!



O golfinho

Por Caroline e Hulen

Numa manhã de sábado duas irmãs, Júlia e Jaqueline, resolveram dar uma volta com sua família. Elas estavam na ilha do Campeche, curtindo bem feliz o seu passeio naquele dia ensolarado e resolveram ficar para tomar um banho de mar.

Ao entrar e tomar aquele banho de mar, com aquela água cristalina, conversa vai conversa vem, viram um grande golfinho bem no meio do oceano. Ficaram admirados com a beleza daquele mamífero enorme. Ele parecia mal e sozinho e a família ficou preocupada e resolveram chamar um biólogo que trabalhava na ilha do Campeche para ver o que se passava com o animal

Ao chegar, o biólogo pegou um barco e foi até onde o mamífero estava para ver o que estava acontecendo. Após examiná-lo, ele explicou que o golfinho estava acima do seu peso normal, porque os turistas que visitavam a ilha do Campeche alimentavam-no demais. Levou o golfinho para seu local de serviço para cuidar dele. Jaqueline perguntou ao doutor :

-O mamífero vai se salvar?

E, assim, respondeu o doutor:

-Sim, ele vai se salvar, é só ele ficar aqui uns meses que ele poderá se recuperar, voltar ao peso normal de 640 kg em média.

O doutor citou um dos tratamentos que faria com o golfinho:

- Comer uma vez por dia uma quantidade de peixe.
- Nadar com a presença do biólogo.
- Exercitar-se até que pudesse voltar para o mar.

E assim Jaqueline ficou bem feliz porque sua família queria o bem do mamífero eles foram para casa.

Todos os dias eles ligavam para o biólogo para saber como estava o golfinho. E lhes davam a informação de que ele estava bem, com o tempo ele estava melhorando. E provavelmente no próximo verão já estaria livre no mar novamente.



A coruja buraqueira

Por Kayque e Gustavo

Certa tarde, dois irmãos estavam passeando, até quando um falou para o outro:

- Ei, bem que a gente podia fazer hoje algo diferente! Andam falando que tem buracos de coruja buraqueira, vamos tentar achá-los?

- É, eu também fiquei sabendo, vamos procurá-las!

Procurando, procurando, viram um buraco na areia e foram até lá ver.

Quando um deles se aproximou do local...

Uma coruja saiu de lá de dentro de seu ninho. Então, ele levou um susto, a coruja estava com medo.

Eles acharam que ela tinha um machucado na asa e que os garotos iriam machucá-la e aos filhotes bem dentro do buraco.

Pensaram bem no que iam fazer, “já sei” falou um deles:

- Vamos bater de porta em porta e ver se alguém tem papelão para por a coruja e, depois, cuidar dela.

Assim fizeram. Acabaram achando uma caixa de papelão, foram correndo até o buraco, mas a coruja não estava mais lá, só viram os filhotes, apesar de procurarem muito pela mãe. Pegaram os filhotes da coruja e os levaram para casa.

No outro dia foram procurar novamente a mãe, mas nada! Não a acharam. Até que ouviram um barulho, vinha de dentro do buraco, foram ver, era a coruja.

- Mas espera! - disse um deles:

- Não é a nossa coruja, não está com asa machucada.

- É verdade.

- É, mas pode ser o macho, mas se é o macho, cadê a fêmea?

- Olha lá, lá no céu. A coruja fêmea veio voando muito rápido em direção aos meninos, eles saíram correndo para não serem atacados, até que um parou e falou:

- Talvez esteja se defendendo.

- Defendendo do que?

- Oras, porque pegamos os filhotes dela!

- Vamos pegar o macho, a fêmea para eles cavarem outro buraco e por os filhotes.

Feito isso, os meninos foram para a sua casa, quando eles chegaram lá foram correndo para o quintal deixaram lá a coruja para cavar o buraco e por seus filhotes

Mas houve um problema, a coruja não conseguia cavar o buraco, então os meninos correram por toda a vizinhança para achar um buraco, mas não encontraram nenhum.

Quando voltaram para sua casa tiveram uma surpresa, a coruja tinha conseguido cavar e ela estava lá dentro do buraco e foi pegar os filhotes pela boca.

Então os meninos esperaram os filhotes crescerem e, depois soltou-os junto com a mãe.



JOANINHA....

Por Larissa de Oliveira Machado

Certo dia Joana e Joaninha resolveram passear pelo bosque e acabou encontrando as suas amigas que comentaram com ela que pulgões havia infestado uma área de cultivo agrícola.

Pessoas iriam pegar joaninhas (que comiam pulgões) para acabar com a praga. E, talvez, elas iriam a sua vila pegar algumas joaninhas para acabar com os pulgões. Isso para as joaninhas era bom porque poderiam se alimentar sem ter que ficar indo em todos os lugares para procurar comida. Mas os humanos teriam que tomar muito cuidado para não virar uma praga de "joaninhas". Bom, agora era só esperar os humanos virem.

Enquanto isso, a notícia se espalha rapidamente entre a vila das joaninhas. Joana era a líder e tinha que se preocupar com os demais, porque isso era uma missão fácil para as joaninhas, mas outros bichos poderiam se alimentar de seus amigos.

Em uma manhã, as joaninhas acordaram com um barulho estranho, eram os humanos, pegando várias joaninhas para levá-las para acabar com os pulgões.

Algumas escaparam, mas outros como a Joana não conseguiram escapar. Foi uma longa viagem.

As joaninhas ficaram presas dentro de caixas de papelão com uns buraquinhos para elas poderem respirar. Joana ficou assustada e ao mesmo tempo curiosa, pois ali começava uma nova aventura.

Chegaram ao local, os humanos abriram as caixas e soltaram as joaninhas no meio das plantações. Elas se espantaram, pois tinha muitos pulgões e o local onde estavam era enorme. Elas teriam que acabar com os pulgões. Era uma missão fácil pra elas.

Mas para os humanos era uma missão um pouco difícil, pois poderia virar uma praga de joaninhas.

Até aí tudo bem, as joaninhas começaram a fazer seu trabalho. Durante 2 semanas foi a mesma rotina "acabar com os pulgões".

Sim, os pulgões acabaram, mas as joaninhas se reproduziram muito rápido: virou "a praga de joaninhas". Pois não havia predadores de joaninhas ali por perto. Joana, joaninha, ficou preocupada porque eles (os humanos) poderiam pegar outros animais que se alimentam de joaninhas para acabar com a praga. Ou poderiam pegar alguma substância química que acabasse com as joaninhas.

A Joana não queria morrer (apesar de joaninhas viverem somente 9 meses). Ela já tinha 3 meses de vida e queria viver seus outros 6 meses que restavam. Levar todas aquelas joaninhas para sua vila não iria dar certo. O tempo passava nem os humanos nem as joaninhas tinham uma solução. E a população de joaninhas só ia crescendo. O que elas iriam fazer?

Tinha que ser algo bom para os humanos e para as joaninhas. Ou seja, para os humanos, as joaninhas teriam que sumir das plantações e para as joaninhas, bom, era quase a mesma coisa só que elas queriam sair das plantações vivas e com um lugar certo para poder viver.

Passou um tempinho e os humanos já tinham uma solução. Acabar com as joaninhas com inseticidas para evitar levar outros animais e acontecer novas infestações.

Quando Joana ficou sabendo que os humanos já tinham uma solução, ficou espantada, logo teria que ir embora mais como deixar seus amigos lá, sem poder fazer nada?

Afinal ela era a líder e se achava no dever de salvar os outros. Mas fazer isso era

muito complicado. Ela poderia levar só algumas joaninhas junto com ela.



Chegou a noite, todas as joaninhas foram dormir, menos Joana, ela ficou a noite toda pensando em uma solução. Pois seu prazo estava se esgotando, na tarde seguinte os humanos iriam passar o inseticida para matar as joaninhas. Bom essa era a única opção, ou ela iria embora ou ficava e morria junto dos outros.

Foi o que ela pensou, só que logo teve uma idéia melhor. Então resolveu dividir três grupos com mais ou menos cem joaninhas para cada. Elegeu a cada um deles uma nova líder. E na manhã seguinte, antes dos humanos passarem o inseticida elas iriam embora. Ocorreu tudo certo, feito o planejado. Antes mesmo dos humanos acordarem, elas foram embora. Só uma única pessoa presenciou aquele momento: uma nuvem de joaninhas cobria o céu, bem no nascer do sol. Uma imagem que ficaria guardada na memória desse humano. E uma aventura que vai ficar na história das joaninhas.

FIM

A COELHA TATÁ, O COELHO SANSÃO E OS FILHOTES

Por Monique e Nadini

Um dia uma coelha chamada Tatá fugiu de um zoológico porque era muito maltratada. Ela foi para uma cidade chamada Florianópolis, lá uma família encontrou-a. Eles tinham um coelho macho chamado Sansão, Tatá se apaixonou por ele. Como ela estava no cio, eles tiveram 9 filhotes: 4 machos e 5 fêmeas. O nome das fêmeas era: Sophie, Meg, Hana, Wendy e Minie; e dos machos era: Brad, Dentinho, Pompom e Fofinho. As fêmeas eram brancas com olhos vermelhos igual a mãe, e os machos eram cinza com olhos azuis igual ao pai.

Eram muitos felizes. Até que um dia um caçador de animais viu os coelhos soltos no quintal da casa e os capturou. Eles ficaram magros e desnutridos. Como o filho da família sentiu a falta deles, foi procurar os coelhos. Ele ficou dias e noites procurando. Até que um dia ele encontrou os coelhos numa casa abandonada no meio de um matagal, fez de tudo para salva-los, só que o caçador estava vigiando-os. O menino chamado Pedro ligou para Ana Luiza e Paulo Henrique, que eram seus pais. Eles foram correndo para o lugar onde os coelhos estavam.

Quando o caçador cochilou, correram para pegar o coelho, mas o caçador acordou. Eles pegaram os coelhos e correram para o carro e foram para a casa.

Os coelhos cresceram e se recuperaram comendo cenouras, folhagens, ração específicas para coelhos e vegetais dado pela família.

Tempos depois a família resolveu dar os coelhos para o, bem deles, mas Pedro, um dos filhos, não queria entregá-los a polícia ambiental. Depois de um tempo, ele resolveu entregá-los a polícia ambiental, pois sabia que era melhor para os coelhos viver na natureza, assim como ele vive na sua casa na cidade.

O caçador que se chamava Lucas pagou fiança e saiu da cadeia, foi preso porque maltratou os coelhos.



LONTRA

Por Paulo, Luan e Rafael

Em Florianópolis tem um rio chamado Sangradouro. Nesse rio vive um animal chamado LONTRA.

Eu e meus amigos estávamos indo para fazer um trabalho na biblioteca, quando nós vimos uma lontra no rio Sangradouro. Ela estava se alimentando de peixes. Lá tinham três crianças, jogando pedras na LONTRA, a gente falou para elas não jogarem mais pedras.

As três crianças perguntaram para nós, o que era aquilo e nós respondemos::

_ Aquilo é uma LONTRA, um animal muito esperto e difícil de ver no inverno, porque ela faz sua toca em pastos para se proteger do frio e dos predadores.

E as crianças perguntaram:

_ Do que ela se alimenta.

_ Ela se alimenta de peixes, plantas e outras coisas. Nunca jogue pedras nos animais, sempre cuide deles – disseram os meninos.

Agora nós vamos fazer o nosso trabalho, amanhã a gente volta.

Já era outro dia, nós voltamos para ver a LONTRA, ela estava quase morrendo, por causa dos lixos e os detritos que saem dos esgotos.

Ligamos para o IBAMA para eles socorrer a LONTRA. Quando o funcionário do IBAMA chegou, levou a LONTRA para o veterinário. Depois foi para um ZOOLOGICO, no centro da cidade, ela estava já estava se recuperando.

Quase todos os Sábados, nós vamos visitá-la.



A CASCABEL

Por Robson



Certa vez uma cobra cascavel estava muito braba, porque dois garotos, Gabriel e Rafael, estavam tentando matar os seus filhotes, então, ela deu o bote e pegou no braço de um dos garotos que se chamava Gabriel.

Ele saiu correndo para casa, com muita dor no braço e com a visão embaçada, ao ver sua mãe disse:

- Mãe, mãe, mãe!

A mãe do garoto veio apavorada:

- O que foi que aconteceu no seu braço?

Quando ele foi responder o que tinha acontecido, desmaiou. A mãe levou-o correndo para o médico. Chegando lá, os médicos lhe perguntaram o que tinha acontecido. A mãe do menino disse que não sabia, que ele chegou em casa gritando e quando ele ia dizer o que tinha acontecido, ele desmaiou.

Os médicos sem saber o que tinha acontecido encaminharam o garoto para a sala de cirurgia. Trinta minutos depois, a mãe do garoto perguntou como estava o filho, os médicos responderam que não podiam fazer nada até saber o que tinha acontecido.

A mulher desesperada pensou no Rafael que sempre brincava com o Gabriel. Então, ela foi até a casa do Rafael e perguntou o que tinha acontecido. O garoto ficou assustado e com medo que seu amigo morresse. Ele contou que Gabriel tinha sido picado por uma cobra cascavel.

A mãe do menino voltou ao hospital e falou com os médicos, então os médicos

deram o soro anti-crotálico e enfaixaram o braço do garoto.

Uma semana depois o garoto estava bom novamente. Chegando a casa ele explicou para a mãe e prometeu nunca mais maltratar as cobras. Ao voltar para a escola, Gabriel contou a sua história para o professor que lhe disse que a cobra não o atacou só por atacar, que ela estava defendendo os filhotes.

Quando Gabriel estava voltando para casa ele ficou pensando nas coisas que o professor havia dito. E acabou encontrando uma jararaca se escondendo entre as pedras.-

- Pode deixar, dona Jararaca, que eu vou passar longe dos seus filhotes!

Virou para o lado oposto da cobra e foi para casa.

O tamanduá-Mirim

Por Ruan Carlos e Gilberto Melo

Puck estava indo fazer a primeira refeição do dia, na Lagoa do Peri, saiu da sua toca, foi num formigueiro comer formigas. Puck é um tamanduá-mirim, divertido e Aventureiro. Depois da sua refeição, Puck encontrou Pitoco (Onça-Pintada), o seu pior inimigo. Pitoco queria atacá-lo, ele criou uma estratégia para Puck não perceber que ele estava por perto. Puck não caiu na cilada de Pitoco e fugiu rapidamente para cima de uma árvore . Pitoco desistiu de esperá-lo descer da árvore e foi embora. Então Puck desceu da árvore. O seu amigo Rig, o jacaré, perguntou-lhe o que estava acontecendo, e ele explicou :

- Estou fugindo do Pitoco.

- Ah é! Ainda bem que eu não estava! - falou Rig.

Aí os dois amigos foram para lagoa se refrescar.

Depois, os dois encontraram o Swellon, um cavalo meio doido que lhe perguntou:

- Ei, você é daqui? - Perguntou Swellon.

- Claro que sim, você me vê várias vezes - disse Puck.

- Ah Tá! Você é um tamanduá-mirim.

- Olha, Swellon, vai ver se eu estou na Floresta!

E Rig e Puck foram embora, deixando Swellon sozinho.

O dia estava acabando, Puck e seu amigo jantavam, ele estava comendo formigas e Rig estava comendo carne de Vaca.

De manhã, Pitoco encontrou Puck, ele estava morrendo de fome, e Pitoco se deu mal, Puck fez uma armadilha, cavou um buraco e Pitoco caiu ficou preso. Puck e Rig ficaram sossegados, e sem nenhum inimigo para perturbá-los.

